

Coroa das sete dores de Maria

A publicação "Coroa das sete dores de Maria" representa uma devoção querida que São João Bosco incutia em seus jovens. Seguindo a estrutura da "Via Crucis" [Via Sacra], as sete cenas dolorosas são apresentadas com breves considerações e orações, para guiar a uma participação mais viva nos sofrimentos de Maria e de seu Filho. Rico em imagens afetivas e espiritualidade contrita, o texto reflete o desejo de unir-se a Nossa Senhora das Dores na compaixão redentora. As indulgências concedidas por vários Pontífices atestam o alto valor pastoral do texto, que é um pequeno tesouro de oração e reflexão, para alimentar o amor pela Mãe das dores.

Prólogo

O principal objetivo desta pequena obra é facilitar a lembrança e a meditação das amarguradíssimas dores do terno Coração de Maria, algo que a Ela é muito agradável, como revelou várias vezes a seus devotos, e um meio muito eficaz para nós obtermos seu patrocínio.

Para tornar mais fácil o exercício de tal meditação, praticar-se-á primeiramente com uma coroa na qual são indicadas as sete principais dores de Maria, que poderão ser meditadas em sete breves considerações distintas, do modo como se costuma fazer na *Via Sacra*.

Que o Senhor nos acompanhe com sua graça celestial e bênção para que se alcance o intento desejado, de modo que a alma de cada um fique vivamente penetrada pela frequente memória das dores de Maria, com proveito espiritual da alma, e tudo para maior glória de Deus.

Coroa das sete dores da Bem-Aventurada Virgem Maria com sete breves considerações sobre as mesmas expostas na forma da Via Sacra

Preparação

Queridos irmãos e irmãs em Jesus Cristo, fazemos nossos

habituais exercícios meditando devotamente as amarguradíssimas dores que a Bem-Aventurada Virgem Maria sofreu na vida e morte de seu amado Filho e nosso Divino Salvador. Imaginemo-nos presentes a Jesus pendente na cruz, e que sua aflita mãe diga a cada um de nós: Venham e vejam se há uma dor igual à minha. Convencidos de que esta Mãe piedosa quer nos conceder proteção especial ao meditarmos suas dores, invoquemos a ajuda divina com as seguintes orações:

Antífona: Vem, Espírito Santo, enche os corações dos teus fiéis e acende neles o fogo do teu amor.

Envia o teu Espírito e tudo será criado,
e renovarás a face da terra.

Lembra-te da tua Congregação,
que possuías desde o princípio.
Senhor, escuta a minha oração,
e chegue a ti o meu clamor.

Oremos.

Ilumina, Senhor, nossas mentes com a luz da tua claridade,
para que possamos ver o que deve ser feito e agir
corretamente. Por Cristo nosso Senhor. Amém.

Primeira dor. Profecia de Simeão

A primeira dor foi quando a Santa Virgem, Mãe de Deus, tendo apresentado seu Filho no Templo, o depôs nos braços do santo velho Simeão, que lhe disse: *A espada da dor traspassará a tua alma*: o que significa a Paixão e Morte de seu Filho Jesus.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Virgem dolorosa, por aquela agudíssima espada com que o santo velho Simeão te predisse que tua alma seria traspassada na paixão e morte do teu querido Jesus, suplico-te que me concedas a graça de ter sempre presente a memória do teu coração traspassado e das amarguradíssimas penas sofridas por teu Filho para minha salvação. Assim seja.

Segunda dor. Fuga para o Egito

A segunda dor foi quando a Santa Virgem se viu obrigada a fugir para o Egito a fim de evitar a perseguição do cruel Herodes, que impiamente procurava dar a morte a seu amado Filho Jesus.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Maria, mar amarguíssimo de lágrimas, por aquela dor que sentiste fugindo para o Egito para proteger teu Filho da bárbara crueldade de Herodes, suplico que sejas minha guia, para que, por teu intermédio, eu fique livre das perseguições dos inimigos visíveis e invisíveis da minha alma. Assim seja.

Terceira dor. Perda de Jesus no templo

A terceira dor da Bem-Aventurada Virgem foi quando, pelo tempo da Páscoa, depois de ter estado com o seu esposo José e com o seu amado filho Jesus em Jerusalém, de volta à sua pobre casa, perdeu o seu divino Filho e por três dias seguidos o procurou, lamentando a perda de seu único amor.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Mãe desconsolada, tu que na perda da presença corporal de teu Filho o procuraste ansiosamente por três dias seguidos, rogo-te que obtenhas a graça para todos os pecadores, para que também eles o procurem com atos de contrição e o encontrem. Assim seja.

Quarta dor. Encontro de Jesus carregando a cruz

A quarta dor da Santa Virgem foi quando encontrou seu dulcíssimo Filho Jesus, que carregava uma pesada cruz, em seus ombros delicados, até ao Monte Calvário, para ser crucificado pela nossa salvação.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Virgem mais apaixonada do que todas, por aquele sofrimento

que sentiste no coração ao encontrar teu Filho enquanto ele carregava o madeiro da Santíssima Cruz rumo ao Monte Calvário, peço-te que eu o acompanhe continuamente com o pensamento, chore meus pecados, causa manifesta dos seus e dos teus tormentos. Assim seja.

Quinta dor. Crucificação de Jesus

A quinta dor da Santa Virgem foi quando viu seu Filho Jesus suspenso sobre o duro madeiro da Cruz, vertendo sangue de todo o seu Santíssimo Corpo e morrendo depois de três horas de agonia.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Rosa entre os espinhos, por aquelas dores amargas que traspassaram teu peito ao ver com teus próprios olhos teu Filho traspassado e elevado na Cruz, obtém para mim, peço-te, que eu busque com meditações assíduas somente Jesus crucificado por causa dos meus pecados. Assim seja.

Sexta dor. Deposição de Jesus da cruz

A sexta dor da Santa Virgem foi quando seu amado Filho Jesus, depois de ter sido traspassado no peito com um golpe de lança e despregado da cruz, foi deposto em seu santo regaço.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Virgem aflita, tu que acolheste teu Filho morto no colo, vencido pela Cruz, e beijando aquelas santíssimas feridas, derramaste sobre elas um mar de lágrimas, rogo-te que eu também lave continuamente com lágrimas de verdadeiro arrependimento as feridas mortais que meus pecados te causaram. Assim seja.

Sétima dor. Sepultamento de Jesus

A sétima e última dor da Santa Virgem, Senhora e Advogada dos seus servos e dos pobres pecadores, foi quando viu sepultado o Corpo Santíssimo de seu Filho Jesus.

Um *Pai-Nosso* e sete *Ave-Marias*.

Oração

Ó Mártir dos Mártires, Maria, por aquele tormento amargo que sofreste quando, sepultado teu Filho, tiveste que afastar-te daquele túmulo amado, concede graça, peço-te, a todos os pecadores, para que conheçam o quanto é grave dano para a alma estar longe de seu Deus. Assim seja.

Digam-se em seguida três *Ave-Marias* em sinal de profundo respeito às lágrimas que a Santíssima Virgem derramou nas suas Dores, a fim de impetrar uma verdadeira dor dos nossos pecados e para ganhar as santas indulgências.

Ave Maria etc.

Terminada a Coroa, recita-se o pranto da Bem-Aventurada Virgem, ou seja, o hino *Stabat Mater* etc.

Hino – Pranto da Bem-Aventurada Virgem Maria

Stabat Mater dolorosa
Iuxta crucem lacrymosa,
Dum pendeat Filius.
Cuius animam gementem
Contristatam et dolentem
Pertransivit gladius.
O quam tristis et afflicta
Fuit illa benedicta
Mater unigeniti!
Quae moerebat, et dolebat,
Pia Mater dum videbat,
Nati poenas inclyti.
Quis est homo, qui non fleret,
Matrem Christi si videret
In tanto supplicio?
Quis non posset contristari,
Christi Matrem contemplari
Dolentem cum filio?
Pro peccatis suae gentis
Vidit Iesum in tormentis
Et flagellis subditum.
Vidit suum dulcem natura
Moriendo desolatum,
Dum emisit spiritum.
Eia mater fons amoris,
Me sentire vim doloris
Fac, ut tecum lugeam.
Fac ut ardeat cor meum
In amando Christum Deum,
Ut sibi complaceam.
Sancta Mater istud agas,
Crucifixi fige plagas
Cordi meo valide.
Tui nati vulnerati
Tam dignati pro me pati
Poenas mecum divide.
Fac me tecum pie flere,
Crucifixo condolere,
Donec ego vixero.
Iuxta Crucem tecum stare,
Et me tibi sociare
In planctu desidero.
Virgo virginum praeclara,
Mihi iam non sia amara,
Fac me tecum plangere.
Fac ut portem Christi mortem,
Passionis fac consortem,
Et plagas recolere.
Fac me plagis vulnerari,
Fac me cruce inebriari,
Et cruore Filii.
Flammis ne urar succensus,
Per te, Virgo, sim defensus
In die Iudicii.
Christe, cum sit hinc exire,
Da per matrem me venire
Ad palmam victoriae.
Quando corpus morietur,
Fac ut animae donetur
Paradisi gloria. Amen.

Estava a mãe dolorosa
junto da cruz, lacrimosa,
via o filho que pendia.
Na sua alma gemia,
contristada e dolorida
por um gládio transpassada.
Oh! Quão triste e aflita
entre todas, Mãe bendita,
que só tinha aquele Filho.
Quanta angústia não sentia,
Mãe piedosa quando via
as penas do Filho seu.
Quem não chora vendo isso:
contemplando a Mãe de Cristo
num suplício tão enorme?
Quem haverá que resista
se a Mãe assim se contrista
padecendo com seu Filho?
Por culpa de sua gente
Viu Jesus inocente,
Ao flagelo submetido.
Vê agora o seu amado
pelo Pai abandonado,
entregando seu espírito.
Faze, ó Mãe, fonte de amor
que eu sinta o espinho da dor,
para contigo chorar.
Faze arder meu coração
do Cristo Deus na paixão
para que o possa agradar.
Ó Santa Mãe, dá-me isto,
trazer as chagas de Cristo
gravadas no coração.
Do teu filho que por mim
entrega-se a morte assim,
divide as penas comigo.
Oh! Dá-me enquanto viver,
com Cristo compadecer,
chorando sempre contigo.
Junto à cruz eu quero estar,
quero o meu pranto juntar
às lágrimas que derramas.
Virgem, que às virgens aclara,
não seas comigo avara,
dá-me contigo chorar.
Traga em mim do Cristo a morte,
da Paixão seja consorte,
suas chagas celebrando.
Por elas seja eu rasgado,
pela cruz inebriado,
pelo sangue de teu Filho.
No Julgamento consegue,
que às chamas não seja entregue
quem por ti é defendido.
Quando do mundo eu partir,
dai-me, ó Cristo, conseguir
por tua Mãe a vitória.
Quando meu corpo morrer,
possa a alma merecer
do Reino Celeste, a glória. Amém.

O Sumo Pontífice Inocência XI concede indulgência de 100 dias toda vez que se reza o *Stabat Mater*. Bento XIII concedeu indulgência de sete anos a quem rezar a Coroa das sete dores de Maria. Muitas outras indulgências foram concedidas por outros sumos Pontífices, especialmente aos Confrades e Coirmãs da Companhia de Maria Dolorosa.

As sete dores de Maria meditadas na forma da Via Crucis

Invoque-se a ajuda divina dizendo:

Actiones nostras, quaesumus, Domine, aspirando praeveni, et adiuvando prosequere, ut cuncta nostra oratio et operatio a te semper incipiat, et per te coepta finiatur. Per Christum Dominum Nostrum. Amen. [Inspirai, Senhor, todas as nossas ações e orações, e ajudai-nos a realizá-las, para que em Vós comece e para Vós termine tudo aquilo que fizermos. Por Cristo, Senhor nosso. Amém.]

Ato de Contrição

Virgem muitíssimo aflita, ai! quão ingrato fui no tempo passado para com meu Deus, com quanta ingratidão respondi aos seus inúmeros benefícios! Agora me arrependo, e na amargura do meu coração e no pranto da minha alma, peço humildemente a Ele perdão por ter ultrajado sua infinita bondade, estando decidido no futuro, com a graça celestial, a nunca mais ofendê-lo. Ah! por todas as dores que suportastes na bárbara paixão do vosso amado Jesus, peço-vos com os mais profundos suspiros que me obtenhais do mesmo, piedade e misericórdia dos meus pecados. Aceitai este santo exercício que estou para fazer e recebei-o em união com aquelas penas e dores que Vós sofrestes por vosso filho Jesus. Ah, concedei-me! sim, concedei-me que aquelas mesmas espadas que traspassaram o vosso espírito, atravessassem também o meu, e que eu viva e morra na amizade do meu Senhor, para participar eternamente da glória que Ele me conquistou com seu precioso Sangue. Assim seja.

Primeira dor

Nesta primeira dor, imaginemo-nos no templo de Jerusalém, onde a Bem-Aventurada Virgem ouviu a profecia do velho Simeão.

Meditação

Ah! Que angústias terá sentido o coração de Maria ao ouvir as dolorosas palavras com que lhe foi predita pelo Santo velho Simeão a amarga paixão e a atroz morte do seu dulcíssimo Jesus: enquanto naquele mesmo instante lhe surgiram à mente os ultrajes, os tormentos e as carnificinas que os ímpios judeus fariam ao Redentor do mundo. Mas sabes qual foi a espada mais penetrante que a traspassou nessa circunstância? Foi considerar a ingratitude com que seu amado Filho seria retribuído pelos homens. Agora, refletindo que, por causa dos teus pecados, estás miseravelmente entre esses tais, ah! lança-te aos pés desta Mãe Dolorosa e dize chorando assim (todos se ajoelham): Ah! Virgem piedosíssima, que sentistes tão amarga dor no vosso espírito ao ver o abuso que eu, criatura indigna, teria feito do sangue do vosso amável Filho, fazei, sim fazei por vosso aflito Coração, que eu no futuro corresponda às Divinas Misericórdias, aproveite as graças celestiais, não receba em vão tantas luzes e inspirações que Vós vos dignareis obter para mim, para que eu tenha a sorte de estar entre aqueles para quem a amarga paixão de Jesus seja de salvação eterna. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Segunda dor

Nesta segunda dor, consideremos a dolorosíssima viagem que a Virgem fez ao Egito para libertar Jesus da cruel perseguição de Herodes.

Meditação

Considera a amarga dor que Maria terá sentido quando, à noite, teve que partir por ordem do Anjo para preservar seu Filho da matança ordenada por aquele feroz Príncipe. Ah! que a cada grito de animal, a cada sopro de vento, a cada movimento de

folha que ouvia por aquelas estradas desertas, se enchia de medo temendo algum infortúnio para o menino Jesus que levava consigo. Ora se voltava para um lado, ora para o outro, ora apressava o passo, ora se escondia crendo ter sido alcançada pelos soldados, que, arrancando de seus braços seu amabilíssimo Filho, teriam feito sob seus olhos um tratamento bárbaro, e fixando o olhar lacrimoso sobre seu Jesus e apertando-o fortemente ao peito, dando-lhe mil beijos, mandava do coração os suspiros mais angustiados. E aqui reflete quantas vezes renovaste essa amarga dor a Maria, forçando seu Filho com teus graves pecados a fugir da tua alma. Agora que conheces o grande mal cometido, volta-te arrependido a esta piedosa Mãe e dize-lhe assim:

Ah, Mãe dulcíssima! Uma vez Herodes obrigou-vos, com vosso Jesus, a fugir da inumana perseguição por ele ordenada; mas eu, oh! quantas vezes obriguei meu Redentor e, por consequência, também a vós, a partir rapidamente do meu coração, introduzindo nele o maldito pecado, inimigo cruel vosso e do meu Deus. Ah! todo dolorido e contrito vos peço humildemente perdão.

Sim, misericórdia, ó querida Mãe, misericórdia, e prometo-vos no futuro, com a ajuda divina, manter sempre meu Salvador e Vós no total domínio da minha alma. Assim seja. *Ave Maria etc. Glória ao Pai etc.*

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Terceira dor

Nesta terceira dor, consideremos a Virgem muitíssimo aflita que, lacrimosa, vai à procura do seu Jesus perdido.

Meditação

Quão grande foi a dor de Maria quando percebeu que havia perdido seu amável Filho! E como cresceu sua dor quando, tendo-o procurado diligentemente entre amigos, parentes e vizinhos, não pôde obter nenhuma notícia dele. Ela, não se importando com os incômodos, o cansaço, os perigos, vagou por

três dias seguidos pelas regiões da Judeia, repetindo aquelas palavras de desolação: talvez alguém tenha visto aquele que verdadeiramente ama a minha alma? Ah! que a grande ansiedade com que o procurava a fazia imaginar a cada momento vê-lo ou ouvir sua voz; mas, ao se reconhecer frustrada, oh, como se aterrorizava e sentia mais intensamente o pesar por tão deplorável perda! Grande confusão para ti, pecador, que tantas vezes perdeste teu Jesus pelos graves pecados cometidos, e não te preocupaste em procurá-lo, claro sinal de que pouco ou nenhum valor dás ao precioso tesouro da amizade divina. Chora, pois, tua cegueira, e voltando-te a esta Mãe Dolorosa, diz-lhe suspirando assim:

Virgem muitíssimo aflita, fazei que eu aprenda de vós a verdadeira maneira de buscar Jesus que perdi para seguir minhas paixões e as iníquas sugestões do demônio, para que eu consiga encontrá-lo, e quando o tiver recuperado, repetirei continuamente aquelas vossas palavras: Encontrei aquele que verdadeiramente ama meu coração; o guardarei sempre comigo, e nunca mais o deixarei partir. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Quarta dor

Na quarta dor, consideremos o encontro que a Virgem Dolorosa teve com seu Filho apaixonado.

Meditação

Venham, ó corações endurecidos, e vejam se conseguem suportar este espetáculo lacrimoso. É uma mãe, a mais terna, a mais amorosa, que encontra seu Filho, o mais doce, o mais amável; e como o encontra? Oh Deus! no meio da mais ímpia turba que o arrasta cruelmente para a morte, carregado de feridas, pingando sangue, rasgado pelas feridas, com uma coroa de espinhos na cabeça e com um tronco pesado sobre os ombros, ofegante, cansado, exausto, que parece a cada passo querer exalar o último suspiro.

Ah! considera, minha alma, a parada mortal que a Santíssima Virgem faz ao primeiro olhar que fixa sobre seu Jesus atormentado; ela gostaria de lhe dar o último adeus, mas como, se a dor a impede de pronunciar palavra? Gostaria de lançar-se ao seu pescoço, mas fica imóvel e petrificada pela força da aflição interna; gostaria de desabafar com o pranto, mas sente o coração tão apertado e oprimido que não consegue derramar uma lágrima. Oh! e quem pode conter as lágrimas ao ver uma pobre Mãe imersa em tão grande aflição? Mas quem é a causa de tão amarga dor? Ah, sou eu; sim, sou eu com meus pecados que fiz uma ferida tão bárbara ao vosso terno coração, ó Virgem Dolorosa. Porém, quem acreditaria? Permaneço insensível sem me comover. Mas se fui ingrato no passado, no futuro não serei mais.

Enquanto isso, prostrado aos vossos pés, ó Santíssima Virgem, peço humildemente perdão por tanto sofrimento que vos causei. Sei e confesso que não mereço piedade, sendo eu a verdadeira causa de vossa dor ao encontrar vosso Jesus todo coberto de feridas; mas lembrai-vos, sim, lembrai-vos que sois mãe de misericórdia. Ah, mostrai-vos, pois, assim para comigo, que eu vos prometo no futuro ser mais fiel ao meu Redentor, e assim compensar tantos desgostos que causei ao vosso aflito espírito. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Quinta dor

Nesta quinta dor, imaginemo-nos no Monte Calvário onde a Virgem muitíssimo aflita viu seu amado Filho expirar na Cruz.

Meditação

Aqui estamos no Calvário onde já estão erguidos dois altares de sacrifício, um no corpo de Jesus, outro no coração de Maria. Oh espetáculo terrível! Vemos a Mãe afogada num mar de aflições ao ver ser levado à morte cruel o caro e amável fruto de suas entranhas. Ai de mim! Cada martelada, cada ferida, cada rasgo que o Salvador recebe em seu corpo ressoa

profundamente no coração da Virgem. Ela está aos pés da Cruz tão penetrada pela dor e transpassada pelo sofrimento que não se sabe quem será o primeiro a expirar, se Jesus ou Maria. Fixa o olhar no rosto agonizante do Filho, considera as pupilas cansadas, o rosto pálido, os lábios lívidos, a respiração difícil e finalmente sabe que Ele não vive mais e que já entregou o espírito no seio do eterno Pai. Ah, então a alma dela faz todo esforço possível para se separar do corpo e unir-se à de Jesus. E quem pode suportar tal visão.

Ó Mãe muitíssimo dolorosa, em vez de se retirar do Calvário para não sentir tão intensamente as angústias, permaneceis imóvel para absorver até a última gota o cálice amargo de vossas aflições. Que confusão deve ser esta para mim que busco todos os meios para evitar as cruces e os pequenos sofrimentos que, para meu bem, o Senhor se digna enviar-me? Virgem muitíssimo dolorosa, humilho-me diante de vós, ah! fazei que eu conheça claramente o valor e o grande mérito do sofrimento, para que me apegue tanto a ele que nunca me canse de exclamar com São Francisco Xavier: Plus Domine, Plus Domine, mais sofrer, meu Deus. Ah sim, mais sofrer, ó meu Deus. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Sexta dor

Nesta sexta dor, imaginemo-nos vendo a Virgem desconsolada que recebe nos braços o corpo morto de seu Filho, retirado da Cruz.

Meditação

Considera a dor mais amarga que penetrou a alma de Maria quando viu no seu colo o corpo morto do amado Jesus. Ah! ao fixar o olhar nas feridas e nas chagas dele, ao contemplá-lo tingido com seu próprio sangue, foi tal o ímpeto da dor interior que seu coração foi mortalmente traspassado, e se não morreu foi a onipotência divina que a conservou viva. Ó pobre Mãe, sim, pobre mãe, que conduzis ao túmulo o caro objeto de

vossas mais ternas complacências, e que de um ramo de rosas se tornou um feixe de espinhos pelos maus-tratos e rasgos feitos pelos ímpios malfeitores. E quem não terá compaixão de vós? Quem não se sentirá dilacerado pela dor ao ver-vos num estado de aflição que comove até a pedra mais dura? Vejo João inconsolável, Madalena com as outras Marias que choram amargamente, Nicodemos que não pode mais suportar a aflição. E eu? Eu sozinho não derramo uma lágrima em meio a tanto sofrimento! Ingrato e ignorante que sou!

Ah! Mãe piedosíssima, aqui estou aos vossos pés, recebei-me sob a vossa poderosa proteção e fazei com que este meu coração seja traspassado por aquela mesma espada que atravessou de parte a parte o vosso aflito espírito, para que se amoleça uma vez e chore verdadeiramente meus graves pecados que vos causaram tão cruel martírio. E assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Sétima dor

Nesta sétima dor, consideremos a Virgem muitíssimo dolorosa que vê seu Filho morto ser sepultado.

Meditação

Considera o suspiro mortal que enviou o aflito coração de Maria quando viu seu amável Jesus ser colocado no túmulo! Oh que dor, que sofrimento sentiu seu espírito quando foi levantada a pedra com que se deveria fechar aquele sacratíssimo monumento! Não era possível afastá-la da borda do sepulcro, enquanto a dor era tal que a tornava insensível e imóvel, sem cessar de contemplar aquelas chagas e aquelas feridas cruéis. Quando então o túmulo foi fechado, oh, então sim, tal foi a força da dor interior que ela teria certamente caído morta se Deus não a tivesse conservado viva. Ó Mãe muitíssimo atribulada! Agora partireis com o corpo deste lugar, mas aqui certamente ficará vosso coração, pois aqui está vosso verdadeiro tesouro. Ah destino, que em companhia

dele fique todo nosso afeto, todo nosso amor, como poderá ser que não nos derretamos de benevolência para com o Salvador, que deu todo seu sangue por nossa salvação? Como poderá ser que não amemos a Vós que tanto sofrestes por nossa causa.

Agora nós, chorando arrependidos por termos causado tantas dores a vosso Filho e a vós tanta amargura, prostramo-nos aos vossos pés e por todas aquelas dores que nos fizestes a graça de meditar, concedei-nos este favor: que a memória das mesmas fique sempre vivamente impressa em nossa mente, que nossos corações se consumam por amor ao nosso bom Deus, e a Vós, nossa doce Mãe, e que o último suspiro de nossa vida se una àqueles que derramastes do fundo da vossa alma na dolorosa paixão de Jesus, a quem seja honra, glória e ação de graças pelos séculos dos séculos. Assim seja. *Ave Maria* etc. *Glória ao Pai* etc.

Maria, meu doce bem,
Gravai no meu coração as vossas dores.

Então se reza o *Stabat Mater*, como acima.

Antífona. *Tuam ipsius animam (ait ad Mariam Simeon) pertransiet gladius.* [Tua própria alma (disse Simeão a Maria) uma espada transpassará]

Rogai por nós, Virgem Dolorosa.

Para que sejamos dignos das promessas de Cristo.

Oremos

Deus, em cuja paixão, segundo a profecia de Simeão, a doce alma da Gloriosa Virgem e Mãe Maria Dolorosa foi traspassada pela espada, concedei propício que, nós que recordamos a memória de suas dores, alcancemos felizmente o efeito da vossa paixão. Vós que viveis e reinais pelos séculos dos séculos. Amém.

Louvado seja Deus e a Virgem Dolorosa.

Com permissão da Revisão Eclesiástica

A Festa das Sete Dores de Maria Virgem Dolorosa, celebrada pela Pia União e Sociedade, ocorre no terceiro domingo de setembro na Igreja de São Francisco de Assis.

Texto da 3ª edição, Turim, Tipografia de Giulio Speirani e filhos, 1871

Santa Mônica, mãe de Santo Agostinho, testemunha de esperança

Uma mulher de fé inabalável, de lágrimas fecundas, atendida por Deus após dezessete longos anos. Um modelo de cristã, esposa e mãe para toda a Igreja. Uma testemunha de esperança que se transformou em poderosa intercessora no Céu. O próprio Dom Bosco recomendava às mães, aflitas pela vida pouco cristã de seus filhos, que se encomendassem a ela nas orações.

Na grande galeria dos santos e santas que marcaram a história da Igreja, Santa Mônica (331-387) ocupa um lugar singular. Não por milagres espetaculares, não pela fundação de comunidades religiosas, nem por feitos sociais ou políticos de destaque. Mônica é lembrada e venerada sobretudo como mãe, a mãe de Agostinho, o jovem inquieto que, graças às suas orações, às suas lágrimas e ao seu testemunho de fé, tornou-se um dos maiores Padres da Igreja e Doutores da fé católica.

Mas limitar sua figura ao papel materno seria injusto e redutor. Mônica foi uma mulher que soube viver sua vida ordinária – esposa, mãe, crente – de forma extraordinária, transfigurando o cotidiano pela força da fé. É um exemplo de perseverança na oração, de paciência no casamento, de esperança inabalável diante dos desvios do filho.

As informações sobre sua vida chegam até nós quase exclusivamente pelas *Confissões* de Agostinho, um texto que não é uma crônica, mas uma leitura teológica e espiritual da existência. Ainda assim, nessas páginas Agostinho traça um retrato inesquecível da mãe: não apenas uma mulher boa e piedosa, mas um autêntico modelo de fé cristã, uma “mãe das lágrimas” que se tornam fonte de graça.

As origens em Tagaste

Mônica nasceu em 331 em Tagaste, cidade da Numídia, [Souk Ahras](#) na atual Argélia. Era um centro vibrante, marcado pela presença romana e por uma comunidade cristã já enraizada. Proveniente de uma família cristã abastada: a fé já fazia parte de seu horizonte cultural e espiritual.

Sua formação foi marcada pela influência de uma ama austera, que a educou na sobriedade e na temperança. Santo Agostinho escreverá sobre ela: *“Não falarei, portanto, de seus dons, mas dos teus dons a ela, que não se fez sozinha, nem foi educada sozinha. Tu a criaste sem que nem o pai nem a mãe soubessem que filha teriam; e a ensinaste no teu temor com a vara do teu Cristo, ou seja, a disciplina do teu Unigênito, numa casa de crentes, membro saudável da tua Igreja.”* (Confissões IX, 8, 17).

Nas mesmas *Confissões*, Agostinho também relata um episódio significativo: a jovem Mônica havia adquirido o hábito de beber pequenos goles de vinho da adega, até que uma serva a repreendeu chamando-a de “bêbada”. Essa repreensão foi suficiente para que ela se corrigisse definitivamente. Essa historietta, aparentemente sem importância, mostra sua honestidade em reconhecer seus pecados, em deixar-se corrigir e em crescer em virtude.

Aos 23 anos, Mônica foi dada em casamento a Patrício, um funcionário municipal pagão, conhecido por seu temperamento colérico e sua infidelidade conjugal. A vida matrimonial não foi fácil: a convivência com um homem impulsivo e distante da fé cristã colocou à prova sua paciência.

No entanto, Mônica nunca caiu em desânimo. Com uma atitude de mansidão e respeito, soube conquistar progressivamente o coração do marido. Não respondia com dureza às explosões de raiva, não alimentava conflitos inúteis. Com o tempo, sua constância deu frutos: Patrício se converteu e recebeu o batismo pouco antes de morrer.

O testemunho de Mônica mostra como a santidade não se expressa necessariamente em gestos grandiosos, mas na fidelidade cotidiana, no amor que sabe transformar lentamente as situações difíceis. Nesse sentido, é um modelo para muitas esposas e mães que vivem casamentos marcados por tensões ou diferenças de fé.

Mônica mãe

Do casamento nasceram três filhos: Agostinho, Navígio e uma filha cujo nome desconhecemos. Mônica derramou sobre eles todo seu amor, mas sobretudo sua fé. Navígio e a filha seguiram um caminho cristão linear: Navígio tornou-se sacerdote; a filha seguiu o caminho da virgindade consagrada. Agostinho, por sua vez, tornou-se logo o centro de suas preocupações e lágrimas. Desde garoto, Agostinho mostrava uma inteligência extraordinária. Mônica o enviou para estudar retórica em [Cartago](#), desejosa de garantir-lhe um futuro brilhante. Mas junto com os progressos intelectuais vieram também as tentações: sensualidade, mundanismo, más companhias. Agostinho abraçou a doutrina maniqueísta, convencido de encontrar nela respostas racionais para o problema do mal. Além disso, começou a conviver sem casar com uma mulher, da qual teve um filho, Adeodato. Os desvios do filho levaram Mônica a negar-lhe acolhida em sua casa. Mas não por isso deixou de orar por ele e de oferecer sacrifícios: *“do coração sangrante de minha mãe te era oferecido por mim noite e dia o sacrifício de suas lágrimas”*. (Confissões V, 7,13) e *“derramava mais lágrimas do que jamais derramam as mães pela morte física dos filhos”* (Confissões III, 11,19).

Para Mônica foi uma ferida profunda: o filho, que ela havia

consagrado a Cristo no ventre, estava se perdendo. A dor era indescritível, mas ela nunca deixou de esperar. O próprio Agostinho escreverá: *“O coração de minha mãe, atingido por tal ferida, nunca mais sararia: porque não sei expressar adequadamente seus sentimentos por mim e quão maior foi seu trabalho ao me dar à luz em espírito do que aquele com que me deu à luz na carne.”* (Confissões V, 9,16).

Surge espontânea a pergunta: por que Mônica não batizou Agostinho logo após o nascimento?

Na verdade, embora o batismo infantil já fosse conhecido e praticado, ainda não era uma prática universal. Muitos pais preferiam adiá-lo para a idade adulta, considerando-o um “banho definitivo”: temiam que, se o batizado pecasse gravemente, a salvação estaria comprometida. Além disso, Patrício, ainda pagão, não tinha interesse em educar o filho na fé cristã.

Hoje vemos claramente que foi uma escolha infeliz, pois o batismo não só nos torna filhos de Deus, mas nos dá a graça de vencer as tentações e o pecado.

Uma coisa, porém, é certa: se ele tivesse sido batizado quando criança, Mônica teria poupado a si mesma e ao filho muitos sofrimentos.

A imagem mais forte de Mônica é a de uma mãe que ora e chora. As *Confissões* a descrevem como uma mulher incansável em interceder junto a Deus pelo filho.

Um dia, um bispo de Tagaste – segundo alguns, o próprio Ambrósio – a tranquilizou com palavras que ficaram célebres: *“Vai, não pode se perder o filho de tantas lágrimas”*. Essa frase tornou-se a estrela guia de Mônica, a confirmação de que sua dor materna não era em vão, mas parte de um misterioso desígnio de graça.

Tenacidade de uma mãe

A vida de Mônica foi também uma peregrinação nos passos de Agostinho. Quando o filho decidiu partir às escondidas para Roma, Mônica não poupou esforços; não deu a causa como

perdida, mas o seguiu e o procurou até encontrá-lo. Ela o alcançou em Milão, onde Agostinho havia conseguido uma cátedra de retórica. Ali encontrou um guia espiritual em Santo Ambrósio, bispo da cidade. Entre Mônica e Ambrósio nasceu uma profunda sintonia: ela reconhecia nele o pastor capaz de guiar o filho, enquanto Ambrósio admirava sua fé inabalável.

Em Milão, a pregação de Ambrósio abriu novas perspectivas para Agostinho. Ele abandonou progressivamente o maniqueísmo e começou a olhar para o cristianismo com novos olhos. Mônica acompanhava silenciosamente esse processo: não forçava os tempos, não exigia conversões imediatas, mas orava, apoiava e permanecia ao lado dele até sua conversão.

A conversão de Agostinho

Parecia que Deus não a ouvia, mas Mônica nunca deixou de orar e oferecer sacrifícios pelo filho. Após dezessete anos, finalmente suas súplicas foram atendidas – e como! Agostinho não só se tornou cristão, mas também sacerdote, bispo, doutor e padre da Igreja.

Ele mesmo reconhece: *“Tu, porém, na profundidade dos teus desígnios, atendeste ao ponto vital do seu desejo, sem te importares com o objeto momentâneo de seu pedido, mas cuidando de fazer de mim aquilo que sempre te pedia que fizesse.”* (Confissões V, 8,15).

O momento decisivo chegou em 386. Agostinho, atormentado interiormente, lutava contra as paixões e resistências de sua vontade. No célebre episódio do jardim de Milão, ao ouvir a voz de uma criança dizendo *“Tolle, lege”* (“Toma, lê”), abriu a Carta aos Romanos e leu as palavras que mudaram sua vida: *“Revesti-vos do Senhor Jesus Cristo e não atendais aos desejos e paixões da vida carnal”* (Rm 13,14).

Foi o início de sua conversão. Junto com o filho Adeodato e alguns amigos, retirou-se para Cassiciaco para se preparar para o batismo. Mônica estava com eles, participando da alegria de ver finalmente atendidas as orações de tantos anos. Na noite de Páscoa de 387, na catedral de Milão, Ambrósio

batizou Agostinho, Adeodato e os outros catecúmenos. As lágrimas de dor de Mônica se transformaram em lágrimas de alegria. Continuou a servi-los, tanto que em Cassiciaco Agostinho dirá: *“Cuidou como se fosse mãe de todos e nos serviu como se fosse filha de todos.”*.

Óstia: o êxtase e a morte

Após o batismo, Mônica e Agostinho se prepararam para voltar à África. Parando em [Óstia](#), aguardando o navio, viveram um momento de intensa espiritualidade. As *Confissões* narram o êxtase de Óstia: mãe e filho, à janela, contemplaram juntos a beleza da criação e se elevaram a Deus, antecipando a bem-aventurança do céu.

Mônica dirá: *“Filho, quanto a mim não encontro mais nenhum atrativo nesta vida. Não sei por que ainda estou aqui e o que faço aqui. Este mundo não é mais objeto de desejos para mim. Havia apenas um motivo para querer ficar um pouco mais nesta vida: ver-te cristão católico antes de morrer. Deus me atendeu além de toda minha expectativa, concedeu-me ver-te a seu serviço e liberto das aspirações de felicidade terrena. Para que estou aqui?”* (Confissões IX, 10,11). Ela havia alcançado seu objetivo terreno.

Alguns dias depois, Mônica adoeceu gravemente. Sentindo a proximidade da morte, disse aos filhos: *“Meus filhos, sepulsem aqui sua mãe: não se preocupem com o lugar. Só lhes peço uma coisa: lembrem-se de mim no altar do Senhor, onde quer que estejam”*. Essa foi a síntese de sua vida: não importava o local do sepultamento, mas o vínculo na oração e na Eucaristia.

Morreu aos 56 anos, em 12 de novembro de 387, e foi sepultada em Óstia. No século VI, suas relíquias foram transferidas para uma cripta escondida na mesma [igreja de Santa Áurea](#). Em 1425, as relíquias foram transladas para Roma, na [basílica de Santo Agostinho no Campo de Márcio](#), onde ainda hoje são veneradas.

O perfil espiritual de Mônica

Agostinho descreve sua mãe com palavras bem medidas:

“[...] feminina na aparência, viril na fé, vigilante na serenidade, maternal no amor, cristã na piedade [...]”. (Confissões IX, 4,8).

E ainda:

“[...] viúva casta e sóbria, assídua na esmola, devota e submissa aos teus santos; que não deixava passar um dia sem levar a oferta ao teu altar, que duas vezes ao dia, de manhã e à noite, sem falta visitava tua igreja, e não para conversar inutilmente e tagarelar como as outras velhas, mas para ouvir tuas palavras e fazer ouvir suas orações. As lágrimas de tal mulher, que com elas te pedia não ouro nem prata, nem bens volúveis ou instáveis, mas a salvação da alma de seu filho, tu poderias desprezá-las, tu que assim a fizeste com tua graça, recusando-lhe teu socorro? Certamente não, Senhor. Tu, ao contrário, estavas ao lado dela e a atendias, operando segundo a ordem com que predestinaste que devesse operar.” (Confissões V, 9,17).

Desse testemunho agostiniano, emerge uma figura de surpreendente atualidade.

Foi uma mulher de oração: nunca deixou de invocar a Deus pela salvação de seus entes queridos. Suas lágrimas tornam-se modelo de intercessão perseverante.

Foi uma esposa fiel: em um casamento difícil, nunca respondeu com ressentimento à dureza do marido. Sua paciência e mansidão foram instrumentos de evangelização.

Foi uma mãe corajosa: não abandonou o filho em seus desvios, mas o acompanhou com amor tenaz, capaz de confiar nos tempos de Deus.

Foi uma testemunha de esperança: sua vida mostra que nenhuma situação é desesperadora, se vivida na fé.

A mensagem de Mônica não pertence apenas ao século IV. Fala ainda hoje, em um contexto em que muitas famílias vivem tensões: filhos se afastam da fé, pais experimentam a dificuldade da espera.

Ensina aos pais a não desistir, a crer que a graça opera de maneiras misteriosas.

Mostra às mulheres cristãs como a mansidão e a fidelidade podem transformar relações difíceis.

A quem se sinta desanimado na oração, testemunha que Deus escuta, mesmo que os tempos não coincidam com os nossos.

Não é por acaso que muitas associações e movimentos escolheram Mônica como padroeira das mães cristãs e das mulheres que rezam pelos filhos afastados da fé.

Uma mulher simples e extraordinária

A vida de Santa Mônica é a história de uma mulher simples e extraordinária ao mesmo tempo. Simples porque vivida no cotidiano de uma família; extraordinária porque transfigurada pela fé. Suas lágrimas e suas orações moldaram um santo e, através dele, marcaram profundamente a história da Igreja.

Sua memória, celebrada em 27 de agosto, na véspera da festa de Santo Agostinho, nos lembra que a santidade muitas vezes passa pela perseverança oculta, pelo sacrifício silencioso, pela esperança que não decepciona.

Nas palavras de Agostinho, dirigidas a Deus pela mãe, encontramos a síntese de sua herança espiritual: *“Não posso dizer o quanto minha alma lhe é devedora, meu Deus; mas tu sabes tudo. Recompensa-a com tua misericórdia pelo que te pediu com tantas lágrimas por mim”* (Conf., IX, 13).

Santa Mônica, através dos acontecimentos de sua vida, alcançou a felicidade eterna que ela mesma definiu: *“A felicidade consiste, sem dúvida, em alcançar o fim e devemos confiar que podemos ser conduzidos a ele por uma fé firme, por uma viva esperança, por uma ardente caridade”*. (A Felicidade 4,35).

Dom Bosco com seus salesianos

Se com seus meninos Dom Bosco brincava alegremente para vê-los alegres e serenos, com seus salesianos revelava também em tom de brincadeira a estima que tinha por eles, o desejo de vê-los formar com ele uma grande família, pobre sim, mas confiante na Divina Providência, unida na fé e na caridade.

Os feudos de Dom Bosco

Em 1830, Margarida Occhiena, viúva de Francisco Bosco, fez a divisão dos bens herdados de seu marido entre seu enteado Antônio e seus dois filhos José e João. Consistia, entre outras coisas, de oito lotes de terra com prado, campo e vinhedo. Não sabemos nada exato sobre os critérios seguidos por Mamãe Margarida ao dividir a herança paterna entre os três. Entretanto, entre os lotes de terra havia um vinhedo próximo aos Becchi (em Bric dei Pin), um campo em Valcapone (ou Valcappone) e outro em Bacajan (ou Bacaiau). De qualquer forma, essas três terras constituem os “feudos” que Dom Bosco, às vezes, chamava por brincadeira de sua propriedade.

Os Becchi, como todos sabemos, são o humilde povoado do vilarejo onde Dom Bosco nasceu; Valcapone (ou Valcappone) era um local a leste do Colle, sob a Serra di Capriglio, mas no fundo do vale, na área conhecida como Sbaruau (= espantalho), porque era densamente arborizada, com algumas cabanas escondidas entre os galhos, que serviam como local de armazenamento para lavanderias e como refúgio para bandidos. Bacajan (ou Bacaiau) era um campo a leste do Colle, entre os lotes de Valcapone e Morialdo. Estes são os “feudos” de Dom Bosco!

As Memórias Biográficas dizem que, por algum tempo, Dom Bosco conferiu títulos de nobreza a seus colaboradores leigos. Assim, havia o Conde dos Becchi, o Marquês de Valcappone, o Barão de Bacaiau, isto é, os três terrenos que Dom Bosco devia conhecer como parte de sua herança. “Com esses títulos costumava chamar Rossi, Gastini, Enria, Pelazza, Buzzetti, não

só em casa, mas também fora, sobretudo quando viajava com alguns deles” (MB VIII, 198-199 – MB VIII, 231-232).

Entre esses “nobres” salesianos, sabemos com certeza que o conde dos Becchi (ou do Bricco del Pino) era José Rossi, o primeiro salesiano leigo, ou “Coadjutor”, que amava Dom Bosco como um filho muito afeiçoado e lhe foi fiel para sempre.

Um dia, Dom Bosco foi à estação de Porta Nova e José Rossi o acompanhou carregando sua mala. Eles chegaram quando o trem estava prestes a partir e os vagões estavam cheios de gente. Dom Bosco, não conseguindo encontrar um assento, voltou-se para Rossi e, em voz alta, disse-lhe:

– Oh, senhor conde, lamento que esteja tendo tanto trabalho por mim!

– Imagine, Dom Bosco, é uma honra para mim!

Alguns viajantes que estavam na janela, ao ouvirem aquelas palavras “Senhor Conde” e “Dom Bosco”, olharam uns para os outros com espanto e um deles gritou do vagão:

– Dom Bosco! Senhor Conde! Subam aqui; ainda há dois lugares!

– Mas eu não queria incomodá-los – respondeu Dom Bosco.

– Subam! É uma honra para nós. Vou retirar minhas malas; estarão à vontade!

E assim o “Conde dos Becchi” pôde entrar no trem com Dom Bosco e a mala.

As bombas e uma cabana

Dom Bosco viveu e morreu pobre. Para comer, ele se contentava com muito pouco. Até mesmo um copo de vinho já era demais para ele, e ele sistematicamente misturava com água.

“Muitas vezes se esquecia de beber por estar absorto em outros pensamentos, e cabia aos vizinhos de mesa completar-lhe o copo. Então, se o vinho era do bom, logo procurava água “para fazê-lo melhor”, dizia. E acrescentava sorrindo: ‘Renunciei ao mundo e ao demônio, mas não às pompas’, aludindo às bombas que tiram água dos poços” (MB IV, 191-192 – MBp IV, 181).

Até mesmo para as acomodações, sabemos como ele vivia. Em 12 de setembro de 1873, foi realizada a Conferência Geral dos Salesianos para reeleger um ecônomo e três conselheiros.

Naquela ocasião, Dom Bosco pronunciou palavras memoráveis e proféticas sobre o desenvolvimento da Congregação. Então, quando chegou a hora de falar sobre o Capítulo Superior, que a essa altura parecia precisar de uma residência adequada, ele disse, em meio à hilaridade universal: “Se fosse possível, eu gostaria de fazer no meio do pátio uma ‘söpanta’ (leia-se: supanta = barraca, abrigo), onde o Capítulo Superior pudesse ficar separado de todos os mortais. Como os membros deste Capítulo Superior têm o direito de continuar a viver nesta terra, ele poderá estar ora aqui, ora lá, nas diversas casas, segundo parecer melhor!” (MB X, 1061-1062 – MBp X, 888-889).

Otis, botis, pija tutis

Um jovem lhe perguntava um dia como ele conhecia o futuro e adivinhava tantos segredos. Respondeu-lhe:

– “Escute-me. A maneira é esta, e se explica com: Ótis, bótis, pija tútis. Sabe o que significam estas palavras? Preste atenção. São palavras gregas. E soletrando, repetiu: Ó-tis, bó-tis, pi-ja tú-tis. Entende?

– É um negócio complicado de entender!

– Também sei disso. Eu mesmo nunca quis revelar a ninguém o que significa essa epígrafe. E ninguém sabe mesmo. Nem nunca saberá. É conveniente não o revelar. Este é o grande segredo com que opero todas as coisas fora do comum. Com ele eu leio as consciências, e por meio dele revelam-se os mistérios. Mas se você é esperto, veja se pode entender alguma coisa.

E repetia aquelas quatro palavras, acentuando-as sucessivamente ao pronunciar cada uma delas. Passava o indicador na testa, sobre a boca, sobre o queixo, sobre o peito do jovem e acabava por dar-lhe, de improviso, um tapinha no rosto. O jovem ria, mas insistia:

– Mas, ao menos, traduza-me as quatro palavras em língua vulgar.

– Posso traduzi-las, mas não entenderá a tradução.

E, brincando, falava em dialeto piemontês:

– Quand ch’at dan ed bòte, pije tute (Quando lhe dão bofetadas, tome-as todas) (MB VI, 424 – MB VI, 401-402). E

queria dizer que, para se tornar santo, é preciso aceitar todos os sofrimentos que a vida nos reserva.

Protetor dos funileiros

Todos os anos, os jovens do Oratório de São Leão, em Marselha, faziam um passeio à casa do Sr. Olive, um generoso benfeitor dos Salesianos. Naquela ocasião, o pai e a mãe serviam os superiores à mesa, e seus filhos, os alunos.

Em 1884, o passeio aconteceu durante a estada de Dom Bosco em Marselha.

Enquanto os alunos estavam se divertindo nos jardins, o cozinheiro correu até a Madame Olive para lhe dizer:

– Madame, a panela de sopa para os meninos está vazando e não há como remediar a isso. Terão de ficar sem sopa!

A senhora, que tinha muita fé em Dom Bosco, teve uma ideia. Mandou chamar todos os jovens:

– “Escutem”, disse-lhes ela, “se quiserem comer a sopa, ajoelhem-se aqui e rezem uma oração a Dom Bosco para que a panela deixe de vazar”.

Eles obedeceram. A panela parou de vazar instantaneamente. Mas Dom Bosco, ao ouvir o fato, riu muito e disse:

– De agora em diante, chamarão Dom Bosco de patrono dos funileiros (MB XVII, 55-56).

A educação da consciência com São Francisco de Sales

Provavelmente foi o advento da Reforma protestante que colocou na ordem do dia o problema da consciência e, mais precisamente, da «liberdade de consciência». Em uma carta de 1597 a Clemente VIII, o decano de Sales deplorava a «tirania»

que o «estado de Genebra» impunha «sobre as consciências dos católicos». Pedia à Santa Sé que interviesse junto ao rei da França para obter que os genebrinos concedessem «o que chamam liberdade de consciência». Contrário a soluções militares para a crise protestante, ele vislumbrava na *libertas conscientiae* uma possível saída para o confronto violento, desde que a reciprocidade fosse respeitada. Reivindicada por Genebra em favor da Reforma, e por Francisco de Sales em benefício do catolicismo, a liberdade de consciência estava prestes a se tornar um dos pilares da mentalidade moderna.

Dignidade da pessoa humana

A dignidade do indivíduo reside na consciência, e a consciência é, antes de tudo, sinônimo de sinceridade, honestidade, franqueza, convicção. O decano de Sales reconhecia, por exemplo, «para aliviar sua consciência», que o projeto das Controvérsias lhe fora de certa forma imposto por outros. Quando apresentava suas razões a favor da doutrina e da prática católica, preocupava-se em precisar que o fazia «de consciência». «Digam-me de consciência», perguntava aos seus contraditores. A «boa consciência», de fato, faz com que alguém evite certos atos que o colocam em contradição consigo mesmo.

No entanto, a consciência subjetiva individual não pode ser sempre tomada como garantia da verdade objetiva. Não se está sempre obrigado a acreditar no que alguém diz de consciência. «Mostrem-me claramente – diz o decano aos senhores de Thonon – que não mentem de forma alguma, que realmente não me enganam, quando me dizem que de consciência tiveram esta ou aquela inspiração». A consciência pode ser vítima da ilusão, de forma voluntária ou mesmo involuntária. «Os aventos inveterados não só não confessam sê-lo, como também não pensam de consciência que o sejam».

A formação da consciência é uma tarefa essencial, porque a liberdade de consciência implica o risco de «fazer o bem e o mal», mas «escolher o mal não é usar, mas abusar da nossa liberdade». É uma tarefa difícil, porque a consciência às

vezes nos aparece como um adversário que «combate sempre contra nós e por nós»: ela «opõe resistência constante às nossas más inclinações», mas o faz «para nossa salvação». Quando alguém peca, «o remorso interior se move contra sua consciência com a espada em punho», mas o faz para «transpassá-la com um santo temor».

Um meio para exercer uma liberdade responsável é a prática do «exame de consciência». Fazer o exame de consciência é como seguir o exemplo das pombas que se olham «com olhos límpidos e puros», «se limpam com cuidado e se adornam o melhor que podem». Filoteia é convidada a fazer esse exame todas as noites, antes de ir dormir, perguntando-se «como se comportou nas várias horas do dia; para facilitar, pensará onde, com quem e em quais ocupações se dedicou».

Uma vez por ano devemos fazer um exame aprofundado do «estado da nossa alma» diante de Deus, do próximo e de nós mesmos, sem esquecer um «exame dos afetos da nossa alma». O exame – diz Francisco de Sales às visitandinas – levará vocês a sondar «a fundo a sua consciência».

Como aliviar a consciência quando alguém a sente carregada de um erro ou de uma falha? Alguns o fazem de forma errada, julgando e acusando os outros «de vícios dos quais são vítimas», pensando assim em «adoçar os remorsos da sua consciência». Dessa forma, multiplica-se o risco de fazer julgamentos temerários. Pelo contrário, «aqueles que cuidam corretamente da sua consciência não estão sujeitos a julgamentos temerários». Convém considerar à parte o caso dos pais, educadores e responsáveis pelo bem público, porque «uma boa parte da sua consciência consiste em vigiar atentamente a consciência dos outros».

O respeito por si mesmo

Da afirmação da dignidade e da responsabilidade de cada um deve nascer o respeito por si mesmo. Já Sócrates e toda a antiguidade pagã e cristã haviam mostrado o caminho:

É uma afirmação dos filósofos, que porém foi considerada

válida pelos doutores cristãos: «Conhece-te a ti mesmo», ou seja, conhece a excelência da tua alma para não a rebaixar e desprezar.

Alguns de nossos atos constituem não apenas uma ofensa a Deus, mas também uma ofensa à dignidade da pessoa humana e à razão. Suas consequências são deploráveis:

A semelhança e imagem de Deus, que carregamos em nós, é manchada e desfigurada, a dignidade do nosso espírito desonrada, e somos tornados semelhantes aos animais irracionais [...], tornando-nos escravos das nossas paixões e invertendo a ordem da razão.

Há êxtases e arrebatamentos que nos elevam acima da nossa condição natural e outros que nos rebaixam: «Ó homens, até quando sereis tão insensatos – escreve o autor do Teótimo – a ponto de querer pisotear a vossa dignidade natural, descendo voluntariamente e precipitando-vos na condição dos animais?».

O respeito por si mesmo permitirá evitar dois perigos opostos: o orgulho e o desprezo pelos dons que se tem. Em um século em que o senso de honra era exaltado ao máximo, Francisco de Sales teve que intervir para denunciar delitos, em particular no problema do duelo, que lhe fazia «arrepiar os cabelos da cabeça», e ainda mais o orgulho insensato que era a causa. «Estou escandalizado» – escrevia à esposa de um marido duelista –; «na verdade, não consigo entender como se pode ter uma coragem tão desregrada mesmo por bagatelas e coisas sem importância». Lutando em duelo é como se «se tornassem um o carrasco do outro».

Outros, ao contrário, não ousam reconhecer os dons recebidos e pecam assim contra o dever da gratidão. Francisco de Sales denuncia «certa falsa e tola humildade que impede descobrir o bem que há neles». Estão errados, porque «os bens que Deus colocou em nós devem ser reconhecidos, estimados e honrados sinceramente».

O primeiro próximo que devo respeitar e amar, parece querer dizer o bispo de Genebra, é o próprio eu. O verdadeiro amor

por mim mesmo e o respeito devido exigem que eu tenda à perfeição e que me corrija, se necessário, mas docemente, razoavelmente e «seguindo o caminho da compaixão» em vez do da ira e da fúria.

Existe, de fato, um amor por si mesmo não apenas legítimo, mas também benéfico e mandado: «A caridade bem ordenada começa por si mesmo» – diz o provérbio – e reflete bem o pensamento de Francisco de Sales, mas desde que não se confunda o amor por si mesmo com o amor-próprio. O amor por si mesmo é bom, e Filoteia é convidada a interrogar-se sobre a maneira como ama a si mesma:

Mantém uma boa ordem no amor por si mesma? Porque só o amor desordenado por nós mesmos pode nos levar à ruína. Ora, o amor ordenado quer que amemos a alma mais do que o corpo, que busquemos adquirir as virtudes mais do que qualquer outra coisa.

Ao contrário, o amor-próprio é um amor egoísta, «narcisista», cheio de si mesmo, ciumento da própria beleza e unicamente preocupado com o próprio interesse: «Narciso – dizem os profanos – era um jovem tão arrogante que não queria oferecer seu amor a ninguém; e, finalmente, contemplando-se em uma fonte límpida, foi totalmente arrebatado por sua beleza».

O «respeito devido às pessoas»

Se se respeita a si mesmo, a gente estará mais preparado e disposto a respeitar os outros. O fato de ser «a imagem e semelhança de Deus» tem como corolário a afirmação segundo a qual «todos os seres humanos gozam da mesma dignidade». Francisco de Sales, embora vivendo em uma sociedade marcada pelo antigo regime, fortemente desigual, promoveu um pensamento e uma prática caracterizados pelo «respeito devido às pessoas».

É preciso começar pelas crianças. A mãe de São Bernardo – diz o autor da Filoteia – amava seus filhos recém-nascidos «com respeito como uma coisa sagrada que Deus lhe confiara». Uma repreensão muito grave dirigida pelo bispo de Genebra aos

pagãos dizia respeito ao seu desprezo pela vida de seres indefesos. O respeito pela criança que está para nascer emerge neste trecho de uma carta, redigida segundo a retórica barroca da época, dirigida por Francisco de Sales a uma mulher grávida. Ele a encoraja explicando que a criança que está se formando em suas entranhas não é apenas «uma imagem viva da divina Majestade», mas também a imagem de sua mãe. Recomenda a outra mulher:

Ofereça frequentemente à glória eterna do seu Criador a criaturinha cuja formação Ele quis que você assumisse como sua cooperadora.

Outro aspecto do respeito devido aos outros diz respeito ao tema da liberdade. A descoberta de novas terras teve, como consequência nefasta, o ressurgimento da escravidão, que remetia às práticas dos antigos romanos na época do paganismo. A venda de seres humanos os rebaixava ao nível dos animais:

Um dia, Marco Antônio comprou de um mercador dois jovens; então, como ainda acontece hoje em algumas regiões, vendiam-se crianças; havia homens que as conseguiam e depois as traficavam como se faz com cavalos em nossos países.

O respeito pelos outros é continuamente ameaçado de forma mais sutil pela maledicência e pela calúnia. Francisco de Sales insiste bastante nos «pecados da língua». Um capítulo da Filoteia que trata explicitamente desse assunto intitula-se A honestidade nas palavras e o respeito que se deve às pessoas. Arruinar a reputação de alguém é cometer um «assassinato espiritual»; é privar «a vida civil» daquele de quem se fala mal. Assim também, «ao censurar o vício», esforçar-se-á para poupar o máximo possível «a pessoa implicada nele».

Certas categorias de pessoas são facilmente denegridas ou desprezadas. Francisco de Sales defende a dignidade do povo baseando-se no Evangelho: «São Pedro – comenta – era um homem rude, grosseiro, um velho pescador, um trabalhador de baixa condição; São João, ao contrário, era um cavalheiro, doce,

amável, sábio; São Pedro, porém, ignorante». Ora, foi São Pedro quem foi escolhido para guiar os outros e para ser o «superior universal».

Ele proclama a dignidade dos doentes, dizendo que «as almas que estão na cruz são declaradas rainhas». Denunciando a «crueldade para com os pobres» e exaltando a «dignidade dos pobres», justifica e esclarece a atitude que se deve ter para com eles, explicando «como devemos honrá-los e, portanto, visitá-los como representantes de Nosso Senhor». Ninguém é inútil, ninguém é insignificante: «Não há no mundo objeto que não possa ser útil para alguma coisa; mas é preciso saber encontrar seu uso e lugar».

O «um-diferente» salesiano

O problema que sempre atormentou as sociedades humanas é o de conciliar entre si a dignidade e a liberdade de cada indivíduo com as dos outros. Recebeu de Francisco de Sales um esclarecimento original, graças à invenção de uma nova palavra. De fato, admitindo que o universo é formado por «todas as coisas criadas, visíveis e invisíveis» e que «a sua diversidade é reconduzida à unidade», o bispo de Genebra propôs chamá-lo de «um-diferente», ou seja, «único e diferente, único com diversidade e diferente com unidade».

Para ele, todo ser é único. As pessoas são como as pérolas de que fala Plínio: «são tão únicas, cada uma em sua qualidade, que nunca se encontram duas perfeitamente iguais». É significativo que suas duas principais obras, Introdução à vida devota e Tratado do amor de Deus, sejam dirigidas a uma pessoa singular, Filoteia e Teótimo. Que variedade e diversidade entre os seres! «Sem dúvida, como vemos que nunca se encontram dois homens perfeitamente iguais quanto aos dons da natureza, assim nunca se encontram perfeitamente iguais quanto aos dons sobrenaturais». A variedade o encantava também do ponto de vista puramente estético, mas temia uma curiosidade indiscreta sobre suas causas:

Se alguém se perguntasse por que Deus fez as melancias maiores

que os morangos, ou os lírios maiores que as violetas; por que o alecrim não é uma rosa ou por que o cravo não é uma calêndula; por que o pavão é mais belo que um morcego, ou por que o figo é doce e o limão azedo, ririam de suas perguntas e diriam: pobre homem, como a beleza do mundo exige variedade, é necessário que nas coisas haja perfeições diferentes e diferenciadas e que uma não seja a outra; por isso umas são pequenas, outras grandes, umas ácidas, outras doces, umas mais belas, outras menos. [...] Todas têm seu mérito, sua graça, seu esplendor, e todas, vistas no conjunto de suas variedades, constituem um maravilhoso espetáculo de beleza.

A diversidade não impede a unidade; pelo contrário, a torna ainda mais rica e bela. Cada flor tem suas características, que a distinguem de todas as outras: «Não é próprio das rosas serem brancas, me parece, porque as vermelhas são mais belas e têm um perfume melhor, o qual, porém, é próprio do lírio». Certamente, Francisco de Sales não suporta confusão e desordem, mas é igualmente inimigo da uniformidade. A diversidade dos seres pode levar à dispersão e à ruptura da comunhão, mas se há amor, «vínculo da perfeição», nada está perdido; pelo contrário, a diversidade é exaltada pela união. Em Francisco de Sales há certamente uma cultura real do indivíduo, mas esta nunca é um fechamento ao grupo, à comunidade ou à sociedade. Ele vê espontaneamente o indivíduo inserido em um contexto ou «estado» de vida, que marca fortemente a identidade e a pertença de cada um. Não será possível estabelecer um programa ou projeto igual para todos, pelo simples fato de que será aplicado e realizado de maneira diferente «para o cavalheiro, para o artesão, para o criado, para o príncipe, para a viúva, para a jovem, para a casada»; é preciso ainda adaptá-lo «às forças e aos deveres de cada um em particular». O bispo de Genebra vê a sociedade dividida em espaços vitais caracterizados pela pertença social e solidariedade de grupo, como quando trata «da companhia de soldados, da oficina dos artesãos, da corte dos príncipes, da família de pessoas casadas».

O amor personaliza e, portanto, individualiza. O afeto que liga uma pessoa a outra é único, como demonstra Francisco de Sales em sua relação com a senhora de Chantal: «Cada afeto tem sua peculiaridade que o diferencia dos outros; o que sinto por você possui certa particularidade que me consola infinitamente e, para dizer tudo, para mim é sobremaneira frutífero». O sol ilumina todos e cada um: «iluminando um canto da terra, não o ilumina menos do que faria se não brilhasse em outro lugar, mas somente naquele canto».

O ser humano está em transformação

Humanista cristão, Francisco de Sales acredita finalmente na possibilidade que a pessoa humana tem de se aperfeiçoar. Erasmo havia forjado a fórmula: *Homines non nascuntur sed finguntur* [Os homens não nascem prontos, mas precisam se fazer]. Enquanto o animal é um ser predeterminado, guiado pelo instinto, o homem, ao contrário, está em perpétua evolução. Não só muda, mas pode mudar a si mesmo, tanto para melhor quanto para pior.

O que preocupava inteiramente o autor do Teótimo era aperfeiçoar a si mesmo e ajudar os outros a se aperfeiçoarem, e não apenas no âmbito religioso, mas em tudo. Do nascimento à sepultura, o homem está em situação de aprendiz. Imitemos o crocodilo que «nunca deixa de crescer enquanto vive». De fato, «permanecer no mesmo estado por muito tempo não é possível: quem não avança, retrocede neste trânsito; quem não sobe, desce nesta escada; quem não vence é vencido nesta luta». Ele cita São Bernardo que dizia: «Está escrito de modo particular para o homem que nunca estará no mesmo estado: é preciso que avance ou retroceda». Vamos em frente:

Não sabes que estás em caminho e que o caminho não é feito para sentar, mas para avançar? E é tão feito para avançar que mover-se para frente se chama caminhar.

Isso significa também que a pessoa humana é educável, capaz de aprender, de se corrigir e de melhorar. E isso é verdade em todos os níveis. A idade às vezes não tem nada a ver. Olhem

para esses meninos cantores da catedral, que superam em muito as capacidades do seu bispo nesse campo: «Admiro essas crianças – dizia – que mal sabem falar e que já cantam sua parte; compreendem todos os sinais e regras musicais, enquanto eu não saberia mesmo como me virar, eu que sou um homem feito e que gostaria de passar por uma grande personalidade». Ninguém neste mundo é perfeito:

Há pessoas de natureza leve, outras grosseiras, outras ainda muito relutantes em ouvir as opiniões alheias, e outras finalmente propensas à indignação, outras à cólera e outras ao amor; para resumir, encontramos poucas pessoas em que não seja possível descobrir uma ou outra dessas imperfeições.

Deve-se então desesperar de poder melhorar o próprio temperamento, corrigindo alguma de nossas inclinações naturais? De jeito nenhum.

Por mais que, de fato, sejam em cada um de nós como próprias e naturais, se com a aplicação a um apego contrário podem ser corrigidas e reguladas, e até mesmo alguém pode se livrar delas e se purificar, então, digo a você, Filoteia, que é preciso fazê-lo. Encontrou-se até o modo de tornar doces as amendoejas amargas: basta furá-las na base e fazer sair o suco; por que não poderíamos então fazer sair nossas inclinações perversas, para assim nos tornarmos melhores?

Daí a conclusão otimista, mas exigente: «Não há natureza boa que não possa se tornar má, por meio de hábitos viciosos; não há natureza tão perversa que não possa, primeiramente com a graça de Deus e depois com empenho industrioso e diligência, ser domada e vencida». Se o homem é educável, não se deve desesperar de ninguém e deve-se evitar preconceitos contra as pessoas:

Não digam: fulano é um bêbado, mesmo que o tenham visto bêbado; é um adúltero, por tê-lo visto pecar; é um incestuoso, por tê-lo apanhado naquela desgraça; porque um único ato não

basta para dar nome à coisa. [...] E mesmo quando um homem tenha sido viciado por muito tempo, ainda assim correria o risco de mentir ao chamá-lo viciado.

A pessoa humana nunca termina de cultivar seu jardim. É a lição que o fundador das visitandinas lhes incutia, quando as chamava «a cultivar a terra e o jardim» de seus corações e espíritos, porque não existe «homem tão perfeito que não precise se empenhar tanto para crescer na perfeição quanto para mantê-la».

As sete alegrias de Nossa Senhora

No coração da obra educativa e espiritual de São João Bosco, a figura de Nossa Senhora ocupa um lugar privilegiado e luminoso. Dom Bosco não foi apenas um grande educador e fundador, mas também um fervoroso devoto da Virgem Maria, a quem venerava com profundo afeto e a quem confiava todos os seus projetos pastorais. Uma das expressões mais características dessa devoção é a prática das “Sete alegrias de Nossa Senhora”, proposta de forma simples e acessível em sua publicação “O jovem instruído”, um dos textos mais difundidos em sua pedagogia espiritual.

Uma obra para a alma dos jovens

Em 1875, Dom Bosco publicou uma nova edição de “O jovem instruído na prática de seus deveres nos exercícios de piedade cristã”, um manual de orações, exercícios espirituais e normas de conduta cristã pensado para os jovens. Este livro, redigido com um estilo sóbrio e paternal, tinha a intenção de acompanhar os jovens em sua formação moral e religiosa,

introduzindo-os a uma vida cristã integral. Nele também havia espaço para a devoção às “Sete Alegrias de Maria Santíssima”, uma oração simples, mas intensa, estruturada em sete pontos. Diferentemente das “Sete Dores de Nossa Senhora”, muito mais conhecidas e difundidas na piedade popular, as “Sete alegrias” de Dom Bosco enfatizam as alegrias da Santíssima Virgem no Paraíso, consequência de uma vida terrena vivida na plenitude da graça de Deus.

Essa devoção tem origens antigas e foi particularmente apreciada pelos Franciscanos, que a difundiram a partir do século XIII, como Rosário das Sete Alegrias da Bem-Aventurada Virgem Maria (ou Coroa Seráfica). Na forma franciscana tradicional, é uma oração devocional composta por sete dezenas de Ave Marias, cada uma precedida por um mistério alegre (alegria) e introduzida por um Pai Nosso. Ao final de cada dezena, reza-se um Glória ao Pai. As alegrias são: 1. A Anunciação do Anjo; 2. A visita a Santa Isabel; 3. O nascimento do Salvador; 4. A adoração dos Magos; 5. O encontro de Jesus no templo; 6. A ressurreição do Filho; 7. A assunção e coroação de Maria no céu.

Dom Bosco, inspirando-se nessa tradição, oferece uma versão simplificada, adequada à sensibilidade dos jovens.

Cada uma dessas alegrias é meditada através da recitação de uma Ave Maria e um Glória ao Pai.

A pedagogia da alegria

A escolha de propor aos jovens essa devoção não responde apenas a um gosto pessoal de Dom Bosco, mas se insere plenamente em sua visão educativa. Ele estava convencido de que a fé deveria ser transmitida através da alegria, não do medo; através da beleza do bem, não do temor do mal. As “Sete alegrias” tornam-se assim uma escola de alegria cristã, um convite a reconhecer que, na vida da Virgem, a graça de Deus se manifesta como luz, esperança e realização.

Dom Bosco conhecia bem as dificuldades e sofrimentos que muitos de seus jovens enfrentavam diariamente: a pobreza, o abandono familiar, a precariedade do trabalho. Por isso,

oferecia-lhes uma devoção mariana que não se limitasse ao pranto e à dor, mas que fosse também uma fonte de consolo e alegria. Meditar as alegrias de Maria significava abrir-se a uma visão positiva da vida, aprender a reconhecer a presença de Deus mesmo nos momentos difíceis e confiar com fé na ternura da Mãe celeste.

Na publicação “O jovem instruído”, Dom Bosco escreve palavras tocantes sobre o papel de Maria: apresenta-a como mãe amorosa, guia segura e modelo de vida cristã. A devoção às suas alegrias não é uma simples prática devocional, mas um meio para entrar em relação pessoal com Nossa Senhora, para imitar suas virtudes e receber sua ajuda materna nas provas da vida. Para o santo turinense, Maria não é distante ou inacessível, mas próxima, presente, ativa na vida de seus filhos. Essa visão mariana, fortemente relacional, atravessa toda a espiritualidade salesiana e se reflete também na vida cotidiana dos oratórios: ambientes onde a alegria, a oração e a familiaridade com Maria caminham lado a lado.

Um legado vivo

Ainda hoje, a devoção às “Sete alegrias de Nossa Senhora” mantém intacto seu valor espiritual e educativo. Em um mundo marcado por incertezas, medos e fragilidades, ela oferece um caminho simples, mas profundo, para descobrir que a fé cristã é, antes de tudo, uma experiência de alegria e luz. Dom Bosco, profeta da alegria e da esperança, nos ensina que a verdadeira educação cristã passa pela valorização dos afetos, das emoções e da beleza do Evangelho.

Redescobrir hoje as “Sete alegrias” significa também recuperar um olhar positivo sobre a vida, a história e a presença de Deus. Com sua humildade e sua confiança, Nossa Senhora nos ensina a guardar e meditar no coração os sinais da verdadeira alegria, aquela que não passa, porque fundada no amor de Deus. Em um tempo em que também os jovens buscam luz e sentido, as palavras de Dom Bosco permanecem atuais: “Se quiserem ser felizes, pratiquem a devoção a Maria Santíssima”. As “Sete alegrias” são, então, uma pequena escada para o céu, um

rosário de luz que une a terra ao coração da Mãe celeste.

Aqui está também o texto original retirado de “O jovem instruído na prática de seus deveres religiosos”, 1952 (pp. 230-231), com nossos títulos.

As sete alegrias que Maria desfruta no Céu

1. Pureza cultivada

Alegrai-vos, ó Esposa imaculada do Espírito Santo, por aquele gozo que experimentais agora no Paraíso, porque por vossa humildade, pureza e virgindade fostes exaltada acima de todos os Anjos e sublimada além de todos os santos.

Ave Maria e Glória.

2. Sabedoria buscada

Alegrai-vos, ó Mãe de Deus, por aquele gozo que experimentais no Paraíso, porque da mesma forma que o sol cá na terra ilumina o mundo inteiro, assim vós com vosso resplendor embelezais e fazeis resplandecer todo o Paraíso.

Ave Maria e Glória.

3. Obediência filial

Alegrai-vos, ó Filha de Deus, pela sublime dignidade a que fostes exaltada no Paraíso, porque todas as Hierarquias dos Anjos, dos Arcanjos, dos Tronos, das Dominações e de todos os Espíritos Bem-Aventurados vos prestam honra e reverência e vos reconhecem como Mãe de seu Criador, e ao menor aceno vosso, vos prestam imediata obediência.

Ave Maria e Glória.

4. Oração contínua

Alegrai-vos, ó Serva da Santíssima Trindade, pelo grande poder que tendes no Paraíso, porque vos são imediatamente concedidas todas as graças que pedis ao vosso Filho Jesus, de tal sorte que, diz São Bernardo, não se concede nenhuma graça aos homens, sem que antes passe por vossas mãos santíssimas.

Ave Maria e Glória.

5. Humildade vivida

Alegrai-vos, ó Augustíssima Rainha, porque só vós merecestes sentar à direita do vosso Santíssimo Filho, que está assentado à direita do Eterno Pai.

Ave Maria e Glória.

6. Misericórdia praticada

Alegrai-vos, ó Esperança dos pecadores, Refúgio dos atribulados, ao ver que todos os que vos louvam e veneram neste mundo são premiados pelo Eterno Pai com a sua santa graça na terra e com a sua imensa glória no céu.

Ave Maria e Glória.

7. Esperança premiada

Alegrai-vos, ó Mãe, Filha e Esposa de Deus, porque todas as graças, todos os gozos, todas as alegrias e todos os privilégios que agora gozais no Paraíso não diminuirão jamais; antes, aumentarão até ao dia do juízo e durarão por toda a eternidade.

Ave Maria e Glória.

Oração à beatíssima Virgem

Ó gloriosa Virgem Maria, Mãe do meu Senhor, fonte de todas as nossas consolações, por estas vossas alegrias, que recordei com a maior devoção que me foi possível, rogo-vos me alcanceis de Deus a remissão dos meus pecados e o auxílio contínuo de sua graça, para que nunca me torne indigno da vossa proteção, mas pelo contrário tenha a dita de receber todos os favores celestes que costumais alcançar e conceder aos que fazem devota comemoração destas alegrias, que inundam o vosso belo Coração, ó Rainha imortal do Céu. Assim seja.

Foto: shutterstock.com

José Augusto Arribat: um Justo entre as Nações

1. Perfil biográfico

O Venerável José Augusto Arribat nasceu em 17 de dezembro de 1879 em Trédou (Rouergue – França). A pobreza de sua família obrigou o jovem Augusto a começar a escola secundária no oratório salesiano de Marselha somente aos 18 anos de idade. Devido à situação política da virada do século, ele começou a vida salesiana na Itália e recebeu a batina das mãos do Beato Miguel Rua. De volta à França, começou, como todos os seus coirmãos, a vida salesiana em um estado de semiclandestinidade, primeiro em Marselha e depois em La Navarre, fundada por Dom Bosco em 1878.

Ordenado sacerdote em 1912, foi chamado às armas durante a Primeira Guerra Mundial e trabalhou como enfermeiro maqueiro. Depois da guerra, o P. Arribat continuou a trabalhar intensamente em La Navarre até 1926; depois foi para Nice, onde permaneceu até 1931. Retornou a La Navarre como diretor e, ao mesmo tempo, responsável pela paróquia de Santo Isidoro, no vale de Sauvebonne. Seus paroquianos o chamavam de “o santo do vale”.

No final de seu terceiro ano, foi enviado a Morges, no cantão de Vaud, na Suíça. Em seguida, recebeu três mandatos sucessivos de seis anos cada, primeiro em Millau, depois em Villemur e, finalmente, em Thonon, na diocese de Annecy. Seu período mais perigoso e cheio de graça foi, provavelmente, a missão em Villemur durante a Segunda Guerra Mundial. Retornando a La Navarre em 1953, o P. Arribat permaneceu lá até sua morte, em 19 de março de 1963.

2. Profundamente homem de Deus

Homem do dever cotidiano, nada era secundário para ele, e todos sabiam que se levantava muito cedo para limpar os banheiros dos alunos e o pátio. Tendo se tornado diretor da

casa salesiana, e querendo cumprir o seu dever até o fim e com perfeição, por respeito e amor aos outros, muitas vezes terminava os seus dias muito tarde, encurtando as suas horas de descanso. Por outro lado, estava sempre disponível, acolhedor para com todos, sabendo adaptar-se a todos, fossem benfeitores e grandes proprietários de terras, fossem empregados da casa, mantendo uma preocupação permanente com os noviços e os coirmãos, e especialmente com os jovens que lhe eram confiados.

Essa doação total de si mesmo se manifestou até o ponto do heroísmo. Durante a Segunda Guerra Mundial, ele não hesitou em hospedar famílias e jovens judeus, expondo-se ao grave risco de indiscrição ou denúncia. Trinta e três anos após sua morte, aqueles que testemunharam diretamente seu heroísmo reconheceram o valor de sua coragem e o sacrifício de sua vida. Seu nome está inscrito em Jerusalém, onde ele foi oficialmente reconhecido como um “Justo entre as Nações”.

Ele foi reconhecido por todos como um verdadeiro homem de Deus, que fez “tudo por amor e nada por força”, como costumava dizer São Francisco de Sales. Aqui está o segredo de uma irradiação, cuja extensão total ele mesmo talvez não tenha percebido.

Todas as testemunhas notaram a fé viva desse servo de Deus, um homem de oração, sem ostentação. Sua fé era a fé radiante de um homem sempre unido a Deus, um verdadeiro homem de Deus e, em particular, um homem da Eucaristia.

Quando celebrava a missa ou quando rezava, emanava de sua pessoa uma espécie de fervor que não podia passar despercebido. Um coirmão declarou que: “Ao vê-lo fazer o grande sinal da cruz, todos sentiam uma lembrança oportuna da presença de Deus. Seu recolhimento no altar era impressionante”. Outro salesiano recorda que “ele fazia suas genuflexões à perfeição com coragem, uma expressão de adoração que levava à devoção”. O mesmo acrescenta: “Ele fortaleceu minha fé”.

Sua visão de fé brilhava no confessionário e nas conversas espirituais. Ele comunicava sua fé. Homem de

esperança, ele confiava em Deus e em sua Providência em todos os momentos, mantendo a calma na tempestade e espalhando um senso de paz por toda parte.

Essa fé profunda foi ainda mais refinada nele durante os últimos dez anos de sua vida. Ele não tinha mais nenhuma responsabilidade e não conseguia mais ler com facilidade. Ele vivia apenas do essencial e dava testemunho disso com simplicidade, recebendo todos aqueles que sabiam que sua semicegueira não o impedia de ver claramente seus corações. No fundo da capela, seu confessionário era um lugar cercado por jovens e vizinhos do vale.

3. “Eu não vim para ser servido...”

A imagem que as testemunhas preservaram do P. Augusto é a do servo do Evangelho, mas no sentido mais humilde. Varrer o pátio, limpar os banheiros dos alunos, lavar a louça, cuidar e vigiar os doentes, limpar o jardim, varrer o parque, decorar a capela, amarrar os sapatos das crianças, pentear seus cabelos, nada lhe repugnava e era impossível desviá-lo desses humildes exercícios de caridade. O “bom padre” Arribat era mais generoso com ações concretas do que com palavras: ele cedia de bom grado seu quarto a um visitante ocasional, que corria o risco de ser acomodado com menos conforto do que ele. Sua disponibilidade era permanente, em todos os momentos. Sua preocupação com a limpeza e a pobreza digna não o deixava em paz, pois a casa precisava ser aconchegante. Como era um homem de fácil contato, aproveitava suas longas caminhadas para cumprimentar a todos e dialogar, mesmo com os fanáticos anticlericais.

O P. Arribat viveu mais de trinta anos em La Navarre, na casa que o próprio Dom Bosco quis colocar sob a proteção de São José, chefe e servo da Sagrada Família, modelo de fé na clandestinidade e na discrição. Em sua solicitude com as necessidades materiais da casa e em sua proximidade com todas as pessoas dedicadas ao trabalho manual, camponeses, jardineiros, operários, trabalhadores manuais, pessoal da cozinha ou da lavanderia, esse sacerdote fazia pensar em São

José, cujo nome também levava. E ele não morreu no dia 19 de março, a festa de São José?

4. Um autêntico educador salesiano

“A Providência me confiou de modo especial o cuidado da infância”, disse ele para resumir sua vocação específica de salesiano, discípulo de Dom Bosco, a serviço dos jovens, especialmente dos mais necessitados.

O P. Arribat não tinha nenhuma das qualidades particulares que facilmente se impõem exteriormente perante os jovens. Não era um grande esportista, nem um intelectual brilhante, nem um orador que atraía multidões, nem um músico, nem um homem de teatro ou cinema, nada disso! Como explicar a influência que ele exercia sobre os jovens? Seu segredo não era outro senão o que havia aprendido com Dom Bosco, que conquistou seu pequeno mundo com três coisas consideradas fundamentais na educação dos jovens: razão, religião e bondade. Como “pai e mestre da juventude”, ele sabia como falar a linguagem da razão com os jovens, motivar, explicar, persuadir, convencer seus alunos, evitando os impulsos da paixão e da raiva. Colocou a religião no centro de sua vida e ação, não no sentido de imposição forçada, mas no testemunho luminoso de seu relacionamento com Deus, Jesus e Maria. Quanto à bondade amorosa, com a qual ele conquistou o coração dos jovens, vale a pena lembrar o que São Francisco de Sales disse sobre o servo de Deus: “Pegam-se mais moscas com uma colher de mel do que com um barril de vinagre”.

Particularmente autorizado é o testemunho do P. Pedro Ricaldone, futuro sucessor de Dom Bosco, que escreveu após sua visita canônica em 1923-1924: “O P. Augusto Arribat é catequista, confessor e lê as notas de comportamento! Ele é um santo coirmão. Só a sua bondade pode tornar menos incompatíveis os seus diferentes deveres”. Em seguida, ele repete o elogio: “É um excelente coirmão, não muito saudável. Por causa de suas boas maneiras, ele goza da confiança dos jovens mais crescidos, que quase todos vão até ele”.

Uma coisa que chamava a atenção era o respeito

quase cerimonioso que ele demonstrava por todos, mas especialmente pelas crianças. Para um garotinho de oito anos, ele o chamava de “Monsieur” [senhor]. Uma senhora testemunhou: “Ele respeitava tanto o outro que o outro era quase obrigado a se elevar à dignidade que lhe era conferida como filho de Deus, e tudo isso sem sequer falar em religião”.

De rosto aberto e sorridente, esse filho de São Francisco de Sales e Dom Bosco não incomodava ninguém. Se a magreza de sua pessoa e o ascetismo lembravam o santo Cura d’Ars e o P. Rua, seu sorriso e sua doçura eram tipicamente salesianos. Como disse uma testemunha: “Ele era o homem mais natural do mundo, cheio de humor, espontâneo em suas reações, jovem de coração”.

Suas palavras, que não eram as de um grande orador, eram eficazes porque emanavam da simplicidade e do fervor de sua alma.

Um de seus ex-alunos testemunhou: “Em nossas cabeças de crianças, em nossas conversas de infância, depois de ouvir as histórias da vida de João Maria Vianney, costumávamos representar o Padre Arribat como se ele fosse o Santo Cura d’Ars para nós. As horas de catecismo, apresentadas em linguagem simples, mas verdadeira, eram seguidas com grande atenção. Durante a missa, os bancos do fundo da capela estavam sempre cheios. Tínhamos a impressão de que estávamos encontrando Deus em sua bondade e isso marcou nossa juventude”.

5. O P. Arribat, um ecologista?

Aqui está uma característica original para completar o quadro dessa figura aparentemente comum. Ele era considerado quase um ecologista antes que esse termo fosse difundido. Como pequeno agricultor, ele aprendeu a amar e respeitar profundamente a natureza. Suas composições juvenis são cheias de frescor e observações muito finas, com um toque de poesia. Ele compartilhava espontaneamente o trabalho desse mundo rural, onde viveu grande parte de sua longa vida.

Falando de seu amor pelos animais, quantas vezes

ele foi visto “o bom pai, com uma caixa debaixo do braço, cheia de migalhas de pão, fazendo laboriosamente o caminho do refeitório para suas pombas com pequenos passos muito dolorosos”. Fato incrível para aqueles que não viram, diz a pessoa que testemunhou a cena, as pombas, assim que o viam, avançavam em direção à grade como se quisessem lhe dar as boas-vindas. Ele abriu a gaiola e imediatamente elas vieram até ele, algumas delas subindo em seus ombros. “Ele falava com elas com expressões que não consigo lembrar, era como se conhecesse todas elas”. Quando um menino lhe trouxe um filhote de pardal que havia tirado do ninho, ele lhe disse: “Você precisa dar liberdade a ele”. Também é contada a história de um cão lobo bastante feroz, que somente ele conseguiu domar e que veio deitar-se ao lado de seu caixão após sua morte.

O rápido perfil espiritual do P. Augusto Arribat nos deu algumas das características espirituais dos rostos dos santos dos quais ele se sentia próximo: a bondade amorosa de Dom Bosco, o ascetismo do P. Rua, a gentileza de São Francisco de Sales, a piedade sacerdotal do santo Cura d’Ars, o amor à natureza de São Francisco de Assis e o trabalho constante e fiel de São José.

Venerável Ottavio Ortiz Arrieta Coya, bispo

O Venerável Dom Otávio Ortiz Arrieta Coya passou a primeira parte de sua vida como oratoriano, estudante e depois se tornou salesiano, engajado nas obras dos Filhos de Dom Bosco no Peru. Ele foi o primeiro salesiano formado na primeira casa salesiana do Peru, fundada em Rimac, um bairro pobre, onde aprendeu a viver uma vida austera de sacrifício. Entre os primeiros salesianos que chegaram ao Peru em 1891, ele

conheceu o espírito de Dom Bosco e o Sistema Preventivo. Como salesiano da primeira geração, aprendeu que o serviço e o dom de si seriam o horizonte de sua vida; por isso, como jovem salesiano, assumiu responsabilidades importantes, como abrir novas obras e dirigir outras, com simplicidade, sacrifício e dedicação total aos pobres.

Viveu a segunda parte de sua vida, a partir do início da década de 1920, como bispo de Chachapoyas, uma imensa diocese, vacante há anos, onde as condições proibitivas do território levavam a um certo fechamento, especialmente nas aldeias mais remotas. Aí, o campo e os desafios do apostolado eram imensos. Ortiz Arrieta era de temperamento vivo, acostumado à vida comunitária; além disso, era delicado de espírito, a ponto de ser chamado de “pecadito” em sua juventude, por sua exatidão em detectar falhas e ajudar a si mesmo e aos outros a se corrigirem. Ele também possuía um senso inato de rigor e dever moral. No entanto, as condições em que teve de exercer seu ministério episcopal eram diametralmente opostas a ele: a solidão e a impossibilidade substancial de compartilhar uma vida salesiana e sacerdotal, apesar dos repetidos e quase suplicantes pedidos à sua própria Congregação; a necessidade de conciliar o próprio rigor moral com uma firmeza cada vez mais dócil e desarmada; uma delicada consciência moral, continuamente posta à prova pela aspereza das escolhas e pela tibieza no seguimento, por parte de alguns colaboradores menos heroicos do que ele, e de um povo de Deus que sabia opor-se ao bispo quando a sua palavra se tornava uma denúncia de injustiça e um diagnóstico dos males espirituais. O caminho do Venerável em direção à plenitude da santidade, no exercício das virtudes, foi, portanto, marcado por provações, dificuldades e pela contínua necessidade de converter o olhar e o coração, sob a ação do Espírito.

Embora certamente encontremos episódios em sua vida que podem ser definidos como heroicos no sentido estrito, devemos também, e talvez acima de tudo, destacar aqueles momentos em sua jornada virtuosa em que ele poderia ter agido de forma diferente, mas não o fez; ceder ao desespero humano,

enquanto renovava a esperança; contentar-se com uma grande caridade, mas não totalmente disposto a exercer aquela caridade heroica que praticou com fidelidade exemplar por várias décadas. Quando, por duas vezes, lhe foi oferecida uma mudança de sede e, no segundo caso, a sede primacial de Lima, ele decidiu permanecer entre os seus pobres, aqueles que ninguém queria, verdadeiramente na periferia do mundo, permanecendo na diocese que sempre abraçou e amou como era, comprometendo-se de todo o coração a torná-la apenas um pouco melhor. Ele era um pastor “moderno” em seu estilo de presença e no uso de meios de ação, como o associacionismo e a imprensa. Homem de temperamento decidido e de firmes convicções de fé, o bispo Ortiz Arrieta certamente fez uso desse “don de gobierno” [dom de governo] em sua liderança, sempre combinado, porém, com respeito e caridade, expressos com extraordinária consistência.

Embora ele tenha vivido antes do Concílio Vaticano II, a maneira como planejou e executou as tarefas pastorais que lhe foram confiadas ainda é relevante hoje: do cuidado pastoral das vocações ao apoio concreto de seus seminaristas e sacerdotes; da formação catequética e humana dos mais jovens ao cuidado pastoral das famílias, por meio do qual ele encontrou casais em crise ou casais que coabitavam relutantes em regularizar sua união. Dom Ortiz Arrieta, por outro lado, não educa apenas por sua ação pastoral concreta, mas por seu próprio comportamento: por sua capacidade de discernir por si mesmo, em primeiro lugar, o que significa e o que implica renovar a fidelidade ao caminho percorrido. Perseverou verdadeiramente na pobreza heroica, na fortaleza diante das muitas provações da vida e na fidelidade radical à diocese para a qual havia sido designado. Humilde, simples, sempre sereno; entre a seriedade e a delicadeza, a doçura do olhar deixava transparecer toda a tranquilidade do espírito: esse foi o caminho de santidade que ele percorreu.

As belas características que seus superiores salesianos encontraram nele antes de sua ordenação sacerdotal – quando o descreveram como uma “pérola salesiana” e elogiaram

seu espírito de sacrifício – retornaram como uma constante ao longo de sua vida, também como bispo. De fato, pode-se dizer que Ortiz Arrieta “fez-se tudo para todos, a fim de salvar alguns a qualquer custo” (1Cor 9,22): de alto prestígio com as autoridades, simples com as crianças, pobre entre os pobres; manso com aqueles que o insultavam ou tentavam deslegitimá-lo por ressentimento; sempre pronto a não retribuir o mal com o mal, mas a vencer o mal com o bem (cf. Rm 12,21). Toda a sua vida foi dominada pelo primado da salvação das almas: uma salvação à qual ele também queria que seus sacerdotes se dedicassem ativamente; buscava contrariar a tentação de se confinarem a uma segurança fácil ou de se entrincheirarem atrás de posições de maior prestígio, a fim de comprometê-los, em vez disso, com o serviço pastoral. Pode-se dizer que ele realmente se colocou nessa medida “elevada” da vida cristã, o que faz dele um pastor que encarnou a caridade pastoral de maneira original, buscando a comunhão entre o povo de Deus, indo ao encontro dos mais necessitados e testemunhando uma vida evangélica pobre.

Devoção de Dom Bosco ao Sagrado Coração de Jesus

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, tão querida a Dom Bosco, nasceu das revelações feitas a Santa Margarida Maria Alacoque no mosteiro de Paray-le-Monial: Cristo, mostrando seu Coração transpassado e coroado de espinhos, pediu uma festa reparadora na sexta-feira após a Oitava do Corpus Christi. Apesar das oposições, o culto se difundiu porque aquele Coração, sede do amor divino, lembra a caridade manifestada na cruz e na Eucaristia. Dom Bosco convida os jovens a honrá-lo constantemente, especialmente no mês de

junho, recitando a Coroinha e realizando atos de reparação que obtêm indulgências abundantes e as doze promessas de paz, misericórdia e santidade.

A devoção ao Sagrado Coração de Jesus, que cresce a cada dia, ouçam, ó queridos jovens, como teve origem. Vivendo na França, no mosteiro da Visitação de Paray-le-Monial, havia uma humilde virgem chamada Margarida Alacoque, querida por Deus por sua grande pureza. Um dia, enquanto ela estava diante do Santíssimo Sacramento para adorar o bendito Jesus, viu o seu Esposo Celestial no ato de descobrir o peito e mostrar-lhe o seu Sagrado Coração, resplandecente de chamas, cercado de espinhos, transpassado por uma ferida e encimado por uma cruz. Ao mesmo tempo, ouviu-o queixar-se da monstruosa ingratidão dos homens e ordenar-lhe que se empenhasse para que, na sexta-feira após a Oitava do *Corpus Christi*, fosse prestado um culto especial ao seu Divino Coração, em reparação das ofensas que Ele recebe na Santíssima Eucaristia. A piedosa virgem, cheia de confusão, expôs a Jesus o quanto era incapaz de realizar uma tarefa tão grande, mas foi consolada pelo Senhor para continuar sua obra, e a festa do Sagrado Coração de Jesus foi estabelecida, apesar da viva oposição de seus adversários.

Os motivos para este culto são múltiplos: 1º Porque Jesus Cristo nos ofereceu o seu Sagrado Coração como sede dos seus afetos; 2º Porque é símbolo da imensa caridade que Ele demonstrou especialmente ao permitir que o seu Sagrado Coração fosse ferido por uma lança; 3º Para que deste Coração os fiéis sejam movidos a meditar as dores de Jesus Cristo e a professar-lhe gratidão.

Honremos, portanto, constantemente este Divino Coração, que pelos muitos e grandes benefícios que já nos concedeu e nos concederá, merece toda a nossa mais humilde e amorosa veneração.

Mês de junho

Quem consagrar todo o mês de junho em honra do Sagrado Coração de Jesus com alguma oração diária ou devoção, ganhará 7 anos de indulgência por cada dia e indulgência plenária no final do mês.

Coroinha ao Sagrado Coração de Jesus

Recitem esta Coroinha ao Divino Coração de Jesus Cristo para reparar as ofensas que Ele recebe na Santíssima Eucaristia dos infiéis, dos hereges e dos maus cristãos. Recite-a sozinho ou com outras pessoas reunidas, se possível diante da imagem do Divino Coração ou diante do Santíssimo Sacramento:

V. Deus, in adiutorium meum intende (Vinde, ó Deus, em meu auxílio).

R. Domine ad adjuvandum me festina (Socorrei-me sem demora).

Glória ao Pai... etc.

1. Ó amabilíssimo Coração de meu Jesus, adoro humildemente a vossa dulcíssima ternura, que usais de modo singular no Divino Sacramento para com as almas ainda mesmo pecadoras. Sinto imenso em ver que sois tão ingratamente correspondido, e proponho desagrar-vos de tantas ofensas que recebeis na Santíssima Eucaristia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Pai nosso, Ave Maria e Glória.

2. Ó Coração tão humilde do meu Jesus sacramentado, adoro reverente a vossa profunda humildade na divina Eucaristia, escondendo-vos por nosso amor sob as espécies de pão e de vinho. Por piedade, meu Jesus, peço-vos queirais infundir no meu coração tão bela virtude; e entretanto procurarei desagrar-vos de tantas ofensas que recebeis no Santíssimo Sacramento, dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Pai nosso, Ave Maria e Glória.

3. Ó Coração de meu Jesus, tão sequioso de

padecer, adoro os vossos ardentíssimos desejos de sofrer tão dolorosa paixão e sujeitar-vos às injustiças que prevíeis no Santíssimo Sacramento. Ah! meu Jesus, de todo o coração proponho repará-las, mesmo com a minha vida; quisera impedir as ofensas que infelizmente recebeis na Divina Eucaristia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Pai nosso, Ave Maria e Glória.

4. Ó Coração pacientíssimo de meu Jesus, venero humildemente a vossa invencível paciência em sofrer por meu amor tantas penas na cruz e tantos desprezos na divina Eucaristia, ó meu querido Jesus! Já que não posso lavar com o meu sangue os lugares em que fostes tão maltratado num e noutro mistério, prometo-vos, meu sumo bem, empregar todos os meios para desagravar o vosso divino Coração de tantos ultrajes, que recebeis na Santíssima Eucaristia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Pai nosso, Ave Maria e Glória.

5. Ó Coração de meu Jesus, amantíssimo de nossas almas na admirável instituição da Santíssima Eucaristia, adoro humildemente o imenso amor que tendes para conosco, dando-nos como alimento o vosso divino corpo e o vosso divino sangue. Qual o coração que deixará de comover-se à vista de tamanha caridade? Oh meu bom Jesus! Dai-me abundantes lágrimas para chorar e reparar tantas ofensas que recebeis na Santíssima Eucaristia dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Pai nosso, Ave Maria e Glória.

6. Ó Coração de meu Jesus, sequioso de nossa salvação, venero humildemente o amor que vos impeliu a realizar o sacrifício inefável da cruz e a renová-lo todos os dias sobre os altares na santa missa. Será possível que, à vista de tanto amor, o coração humano não arda de gratidão? Sim, infelizmente é possível, meu Deus; mas prometo fazer para o futuro tudo o que puder a fim de reparar tantos ultrajes que recebeis neste mistério de amor, dos hereges, dos infiéis e dos maus cristãos.

Pai nosso, Ave Maria e Glória.

Quem recitar apenas as seis orações acima mencionadas *Pai nosso, Ave Maria e Glória*, diante do Santíssimo Sacramento, sendo que o último *Pai nosso, Ave Maria e Glória* seja rezado segundo a intenção do Sumo Pontífice, ganhará 300 dias de indulgência cada vez.

**Promessas feitas por Jesus Cristo
à bem-aventurada Margarida Alacoque para os devotos do seu
Divino Coração**

1 – Darei às almas dedicadas ao meu Coração todas as graças necessárias ao seu estado de vida.

2 – Estabelecerei e conservarei a paz em suas famílias.

3 – Consolá-las-ei em todas as suas aflições.

4 – Serei seu refúgio seguro na vida e, sobretudo, na hora da morte.

5 – Derramarei abundantes bênçãos sobre todas as suas empresas.

6 – Os pecadores encontrarão em meu Coração a fonte e o oceano infinito de misericórdia.

7 – As almas túbias tornar-se-ão fervorosas.

8 – As almas fervorosas elevar-se-ão rapidamente a uma grande perfeição.

9 – Abençoarei as casas em que a imagem do meu Sagrado Coração for exposta e venerada.

10 – Darei aos sacerdotes o dom de tocar os corações mais endurecidos.

11 – As pessoas que propagarem esta devoção terão os seus nomes escritos no meu Coração e dele nunca serão apagados.

Ato de reparação contra as blasfêmias.

Bendito seja Deus.

Bendito seja o seu Santo Nome.

Bendito seja Jesus Cristo, verdadeiro Deus e verdadeiro Homem.

Bendito seja o Nome de Jesus.

Bendito seja Jesus no Santíssimo Sacramento do Altar.

Bendito seja o seu Amabilíssimo Coração.

Bendita seja a grande Mãe de Deus, Maria Santíssima.

Bendito seja o Nome de Maria, Virgem e Mãe.

Bendita seja a sua Santa e Imaculada Conceição.

Bendito seja Deus nos seus Anjos e nos seus Santos.

É concedida Indulgência de *um ano* em cada vez: e *Plenária* a quem a recitar durante um mês, no dia em que fizer a Santa Confissão e a Comunhão.

Oferta ao Sagrado Coração de Jesus diante da sua santa imagem

Eu N. N. para vos ser grato e para reparar as minhas infidelidades, dou-vos o meu coração e consagro-me inteiramente a Vós, meu amável Jesus, e com a vossa ajuda proponho não pecar mais.

O Pontífice Pio VII concedeu cem dias de indulgência uma vez por dia, recitando-a com coração contrito, e plenária uma vez por mês, a quem a recitar todos os dias.

Oração ao Sagrado Coração de Maria

Ave, augustíssima rainha da paz, Mãe de Deus; pelo sacratíssimo Coração de vosso Filho Jesus, príncipe da paz, fazei que se aplaque a sua ira e reine sobre nós em paz. Lembrai-vos, ó piíssima Virgem Maria, de que nunca se ouviu dizer que por vós seja abandonado quem implora os vossos favores. Animado eu de tal confiança, a vós recorro: ó Mãe do Verbo, não desprezeis as minhas súplicas, mas ouvi-as propícia e atendei-me, ó clemente, ó piedosa Virgem Maria.

Pio IX concedeu a indulgência de 300 dias cada vez que esta oração for recitada com devoção, e indulgência plenária uma vez por mês àqueles que a recitarem todos os

dias.

Ó Jesus de amor ferido,
nunca houvera tão ofendido!
Ó meu doce e bom Jesus,
nunca te pregue na cruz.
Sagrado Coração de Maria,
Fazei que eu salve a minha alma.
Sagrado Coração do meu Jesus,
Fazei que eu vos ame cada vez mais.

A vós dou o meu coração,
Mãe do meu Jesus – Mãe de amor.

(Fonte: “Il Giovane Provveduto per la pratica de’ suoi doveri negli esercizi di cristiana pietà per la recita dell’Uffizio della b. Vergine dei vespri di tutto l’anno e dell’uffizio dei morti coll’aggiunta di una scelta di laudi sacre, pel sac. Giovanni Bosco, 101ª edição, Turim, 1885, Tipografia e Libreria Salesiana, S. Benigno Canavese – S. Per d’Arena – Lucca – Nizza Marittima – Marselha – Montevidéu – Buenos Aires”, pp. 119-124 [Obras Publicadas, pp. 247-253])

*INSTITUTO HISTÓRICO SALESIANO. **Fontes Salesianas: Dom Bosco e sua obra.** Tradução de Dom Hilário Moser. Brasília, EDB, 2015, 1421p., p.741-744 (Coletânea Antológica. V. 1)*

Foto: Estátua do Sagrado Coração em bronze dourado no campanário da Basílica do Sagrado Coração em Roma, presente dos ex-alunos salesianos da Argentina. Erguida em 1931, é uma obra realizada em Milão por Riccardo Politi, com projeto do escultor Enrico Cattaneo, de Turim.

Dom Bosco assiste a uma reunião de demônios (1884)

As páginas a seguir nos levam ao cerne da experiência mística de São João Bosco, através de dois sonhos vívidos que ele teve entre setembro e dezembro de 1884. No primeiro, o Santo atravessa a planície em direção a Castelnuovo com um personagem misterioso e reflete sobre a escassez de padres, advertindo que apenas trabalho incansável, humildade e moralidade podem fazer florescer vocações autênticas. No segundo ciclo onírico, Bosco assiste a um concílio infernal: demônios monstruosos conspiram para aniquilar a nascente Congregação Salesiana, espalhando gula, avidez por riquezas, liberdade sem obediência e orgulho intelectual. Entre presságios de morte, ameaças internas e sinais da Providência, esses sonhos se tornam um espelho dramático das lutas espirituais que aguardam todo educador e a Igreja inteira, oferecendo ao mesmo tempo advertências severas e esperanças luminosas.

Ricos em ensinamentos são dois sonhos que ele teve em setembro e dezembro.

O primeiro, ocorrido na noite de 29 para 30 de setembro, é uma lição para os sacerdotes. Parecia que ele estava indo em direção a Castelnuovo, atravessando uma planície; um venerável sacerdote, cujo nome ele disse não se lembrar mais, estava caminhando ao seu lado. O discurso tratava sobre os sacerdotes. – Trabalho, trabalho, trabalho! diziam eles. Esse deveria ser o objetivo e a glória dos sacerdotes. Nunca se cansem de trabalhar. Então, quantas almas seriam salvas! Quantas coisas seriam feitas para a glória de Deus! Ah, se o missionário realmente agisse como missionário, se o pároco realmente atuasse como pároco, quantas maravilhas de santidade brilhariam por todos os lados! Mas, infelizmente, muitos têm medo de trabalhar e preferem seu próprio conforto...

Raciocinando dessa forma entre si, chegaram a um lugar chamado Filippelli. Então Dom Bosco começou a lamentar a falta de sacerdotes em nossos dias.

– É verdade, replicou o outro, há uma escassez de sacerdotes; mas se todos os sacerdotes agissem como sacerdotes, haveria um número suficiente deles. Alguns não fazem nada mais do que servir como um padre de família; outros, por timidez, ficam ociosos, enquanto que se se lançassem ao ministério, se fizessem o exame de confissão, preencheriam um grande vazio nas fileiras da Igreja... Deus distribui as vocações de acordo com a necessidade. Quando veio o recrutamento militar dos clérigos, todos ficaram assustados, como se ninguém mais fosse se tornar padre; mas quando as fantasias se acalmaram, viu-se que as vocações estavam crescendo em vez de diminuir.

– E agora, perguntou Dom Bosco, o que se deve fazer para promover as vocações entre os jovens?

– Nada mais, respondeu seu companheiro, do que cultivar zelosamente a moralidade entre eles. A moralidade é a sementeira das vocações.

– E o que os padres devem fazer de modo especial para garantir que sua vocação dê frutos?

– *Presbyter discat domum suam regere et sanctificare.* (O sacerdote deve aprender a governar e santificar sua casa). Que cada um seja um exemplo de santidade em sua própria família e paróquia. Que não seja desordenado com a gula, que não se envolva em cuidados temporais... Que primeiro seja um modelo em casa e depois será o primeiro fora dela.

Num certo ponto do caminho, aquele sacerdote perguntou a Dom Bosco para onde ia; Dom Bosco indicou Castelnuovo. Ele então o deixou seguir em frente e permaneceu com um grupo de pessoas estavam diante dele. Depois de alguns passos, Dom Bosco acordou. Nesse sonho, podemos ver uma lembrança das antigas caminhadas por esses lugares.

Prediz a morte de salesianos

O segundo sonho se refere à Congregação e adverte sobre os perigos que poderiam ameaçar sua existência. Na verdade, mais do que um sonho, é uma discussão que se desdobra em uma sucessão de sonhos.

Na noite de 1º de dezembro, o clérigo Viglietti foi acordado por gritos lancinantes vindos do quarto de Dom Bosco. Ele imediatamente pulou da cama e ficou ouvindo. Dom Bosco, com uma voz sufocada pelos soluços, gritou:

– Ai de mim! Ai de mim! Socorro! Socorro!

Viglietti entrou sem mais delongas:

– Oh, Dom Bosco, disse ele, está se sentindo mal?

– Oh, Viglietti! respondeu ele, acordando. Não, não estou doente; mas ele nem conseguia respirar. Mas basta isso: volte para a cama tranquilamente e durma.

De manhã, quando Viglietti, como de costume, lhe trouxe o café depois da missa, ele começou a dizer:

– Oh, Viglietti! Eu não aguento mais; meu estômago está todo revirado por causa da gritaria desta noite. Estou tendo sonhos há quatro noites seguidas, que me obrigam a gritar e me deixam exausto. Há quatro noites, vi uma longa fila de salesianos, todos indo um após o outro, cada um carregando um bastão, no topo do qual havia uma placa e, na placa, um número impresso. Em um deles, estava escrito 73, em outro, 30, em um terceiro, 62 e assim por diante. Depois que muitos passaram, a lua apareceu no céu, na qual, à medida que um salesiano aparecia, podia-se ver um número nunca maior que 12, e atrás dele vinham muitos pontos pretos. Todos os salesianos que eu tinha visto foram e sentaram-se cada um em um túmulo preparado.

E aqui está a explicação dada para esse espetáculo. O número nos cartazes era o número de anos de vida destinados a cada um; o aparecimento da lua em várias formas e fases indicava o último mês de vida; os pontos pretos eram os dias do mês em que morreriam. Às vezes, ele via um número cada vez maior de pessoas reunidas em grupos: eram aquelas que morreriam juntas, no mesmo dia. Se ele quisesse narrar detalhadamente todos os incidentes e circunstâncias, ele

garantiu que teria levado pelo menos dez dias inteiros.

Assiste a um conselho de demônios

Três noites atrás, continuou ele, sonhei novamente. Vou lhe contar em poucas palavras. Parecia-me que eu estava em um grande salão, onde demônios em grande número estavam realizando uma conferência e discutindo como exterminar a Congregação Salesiana. Eles se pareciam com leões, tigres, cobras e outras feras; mas sua figura era como que indeterminada e se aproximava mais da figura humana. Pareciam sombras, que ora se abaixavam, ora se levantavam, encolhiam-se e esticavam-se, como muitos corpos fariam se tivessem uma luz atrás de si, carregada de um lado ou de outro, ora abaixada até o chão, ora levantada. Mas aquela fantasmagoria era assustadora.

Ora, eis que um dos demônios avançou e abriu a sessão. Para destruir a Pia Sociedade, ele propôs um meio: a *gula*. Ele mostrou as consequências desse vício: inércia para o bem, corrupção da moral, escândalo, falta de espírito de sacrifício, falta de cuidado com os jovens... Mas outro demônio lhe respondeu:

– Este meio não é geral e eficaz; nem todos os membros podem ser atacados com ele de uma só vez, porque a mesa dos religiosos será sempre frugal e o vinho comedido: a regra fixa sua comida ordinária: os Superiores vigiam para evitar a desordem. Aqueles que às vezes exageram no comer e no beber, em vez de escandalizar, causariam antes repulsa. Não, essa não é a arma para combater os Salesianos; proporei outro meio, que será mais eficaz e atingirá melhor nosso objetivo: o *amor às riquezas*. Em uma Congregação religiosa, quando o amor às riquezas está envolvido, o amor ao conforto também está envolvido, procura-se de todas as maneiras criar um pecúlio, o vínculo da caridade é quebrado, cada um pensa em si mesmo, os pobres são negligenciados para cuidar apenas daqueles que são afortunados, a Congregação é roubada...

Ele queria continuar, mas um terceiro demônio surgiu.

– Mas que gula! exclamou ele. Mas que riquezas! Entre os Salesianos, o amor às riquezas pode vencer poucos. Os Salesianos são todos pobres; têm poucas oportunidades de adquirir um pecúlio. Em geral, portanto, são assim constituídos e suas necessidades para tantos jovens e para tantas casas são tão imensas que qualquer soma, mesmo grande, seria consumida. Não é possível que eles acumulem bens. Mas eu tenho um meio infalível de conquistar a Sociedade Salesiana para nós, que é a *liberdade*. Induzir os Salesianos a desprezar as Regras, a rejeitar certos encargos como pesados e desonrosos, levá-los a afastar-se de seus Superiores com opiniões diferentes, a ir para casa sob o pretexto de convites e coisas do gênero.

Enquanto os demônios falavam, Dom Bosco pensava: – Estou atento, sabe, ao que vocês estão dizendo. Falem, falem, para que eu possa desmascarar suas tramas.

Enquanto isso, um quarto demônio deu um pulo e gritou:

– Qual o quê! Suas armas são fracas! Os Superiores saberão restringir essa liberdade, expulsarão das casas qualquer um que se atreva a se mostrar rebelde às Regras. Alguns podem se deixar levar pelo amor à liberdade, mas a grande maioria se manterá fiel ao seu dever. Eu tenho um meio adequado para arruinar tudo desde os alicerces; um meio tal que os Salesianos dificilmente poderão perceber: será realmente um desgaste fatal. Ouçam-me com atenção. *Persuadi-los de que o fato de serem instruídos é o que deve constituir sua principal glória*. Portanto, induzi-los a estudar muito para si mesmos, para adquirir fama, e a não praticar o que aprendem, a não fazer uso da ciência em benefício dos outros. Daí a arrogância em suas maneiras para com os ignorantes e os pobres, preguiça no ministério sagrado. Não mais oratórios festivos, não mais catecismos para crianças, não mais escolas primárias para instruir os meninos pobres e abandonados, não mais longas horas no confessionário. Eles apenas pregariam, mas de forma rara e comedida e estéril, porque seria feita por orgulho, a fim de obter o louvor dos homens e não para salvar

almas.

Sua proposta foi recebida com aplausos gerais. Então Dom Bosco vislumbrou o dia em que os Salesianos poderiam se dar ao luxo de acreditar que o bem da Congregação e sua honra deveriam consistir apenas no conhecimento, e temia que não só agissem dessa maneira, mas também pregassem em voz alta que deveriam agir assim.

Também desta vez Dom Bosco estava em um canto da sala, ouvindo e observando tudo, quando um dos demônios o descobriu e, aos gritos, apontou-o para os outros. Com esse grito, todos correram para ele, gritando:

– Nós vamos acabar com isso! Era uma confusão infernal de fantasmas, que o golpeavam, agarravam-no pelos braços e pelo corpo todo, e ele gritou: Me soltem! Socorro! – Finalmente, ele acordou com o estômago revirado de tanto gritar.

Leões, tigres e monstros vestidos de cordeiros

Na noite seguinte, ele percebeu que o demônio havia atacado os Salesianos em seu ponto mais essencial, levando-os a transgredir as Regras. Entre eles, estavam diante dele, distintamente, os que as observavam e os que não as observavam.

Na última noite, o sonho foi assustador. Dom Bosco viu um grande rebanho de cordeiros e ovelhas que representavam o mesmo número de salesianos. Ele se aproximou, tentando acariciar os cordeiros; mas percebeu que a lã deles, em vez de ser lã de cordeiro, servia apenas de cobertura, escondendo leões, tigres, cães raivosos, porcos, panteras, ursos, e cada um tinha um monstro feio e feroz em seus flancos. No meio do rebanho estavam alguns poucos reunidos em conselho. Dom Bosco, sem perceber, aproximou-se deles para ouvir o que diziam: estavam planejando como destruir a Congregação Salesiana. Um deles disse:

- Temos de massacrar os Salesianos.
- E outro acrescentava zombeteiro:
- Devemos estrangulá-los.

Mas, no melhor momento, um deles viu Dom Bosco por perto, ouvindo. Ele deu o alarme e todos gritaram em uma só voz que deveriam começar por Dom Bosco. Dito isso, correram para ele como se quisessem estrangulá-lo. Nesse momento, ele deu o grito que acordou Viglietti. Outra coisa, além da violência diabólica, oprimia então seu espírito: ele tinha visto um grande cartaz sobre aquele rebanho, onde se lia: *BESTIIS COMPARATI SUNT* (são comparados a feras). Tendo dito isso, ele abaixou a cabeça e chorou.

Viglietti pegou sua mão e a apertou ao coração:

– Ah! Dom Bosco, disse-lhe ele, seremos sempre filhos fiéis e bons para o senhor, não é verdade, com a ajuda de Deus?

– Caro Viglietti, respondeu ele, acalme-se e prepare-se para ver os acontecimentos. Eu mal mencionei esses sonhos para você; se eu tivesse que lhe contar tudo em detalhes, eu precisaria ainda de muito mais tempo. Quantas coisas eu vi! Há alguns em nossas casas que nunca mais farão a novena do Santo Natal. Ah, se eu pudesse falar com os jovens, se eu tivesse forças para me divertir com eles, se eu pudesse percorrer as casas, fazer o que eu costumava fazer, revelar a cada um o estado de sua consciência, como eu o vi no sonho, e dizer a algumas pessoas: Quebre o gelo, faça uma boa confissão uma vez! Elas responderiam: Mas eu já fiz uma boa confissão! Em vez disso, eu poderia responder, dizendo-lhes o que eles mantiveram em silêncio para que não ousassem abrir a boca novamente. Até mesmo alguns Salesianos, se eu conseguisse falar com eles, veriam a necessidade de corrigir seus caminhos, fazendo confissões novamente. Vi aqueles que observavam as Regras e aqueles que não as observavam. Vi muitos jovens que iam para São Benigno, tornavam-se Salesianos e depois desertavam. Desertarão também alguns que já são Salesianos. Haverá aqueles que desejarão, acima de tudo, a ciência que infla, que busca os elogios dos homens e que os faz desprezar os conselhos daqueles que eles acreditam ser inferiores a eles em termos de conhecimento...

Entrelaçadas a esses pensamentos angustiantes

estavam consolações providenciais, que alegraram seu coração. Na noite de 3 de dezembro, o bispo do Pará, o país central no sonho das Missões, chegou ao Oratório. E no dia seguinte ele disse a Viglietti:

– Como é grande a Providência! Ouça e depois diga se não estamos protegidos por Deus. No mesmo dia, uma senhora de Marselha, que desejava rever seu irmão religioso em Paris, feliz por ter obtido uma graça de Nossa Senhora, trouxe mil francos para o Padre Álbera. O P. Ronchail está em situação difícil e precisa absolutamente de quatro mil francos; uma senhora escreveu hoje a Dom Bosco para colocar quatro mil francos à sua disposição. O P. Dalmazzo não sabe mais onde aonde ir para conseguir dinheiro; hoje uma senhora doou uma soma muito considerável para a igreja do Sagrado Coração. – E, em 7 de dezembro, houve a alegria da ordenação de Dom Cagliero. Todos esses fatos foram ainda mais encorajadores porque eram sinais visíveis da mão de Deus na obra de seu Servo.

(MB XVII 383-389)

Dom Bosco e o Sagrado Coração. Custodiar, reparar, amar

Em 1886, às vésperas da consagração da nova Basílica do Sagrado Coração, no centro de Roma, o “Boletim Salesiano” quis preparar seus leitores – cooperadores, benfeitores, jovens, famílias – para um encontro vital com “o Coração transpassado que continua a amar”. Durante um ano inteiro, a revista apresentou aos olhos do mundo salesiano um verdadeiro “rosário” de meditações: cada número ligava um aspecto da

devoção a uma urgência pastoral, educativa ou social que Dom Bosco – já exausto, mas muito lúcido – considerava estratégica para o futuro da Igreja e da sociedade italiana. Quase cento e quarenta anos depois, essa série continua sendo um pequeno tratado de espiritualidade do coração, escrito em tom simples, mas cheio de ardor, capaz de conjugar contemplação e prática. Apresentamos aqui uma leitura unificada desse percurso mensal, mostrando como a intuição salesiana ainda sabe falar aos dias de hoje.

Fevereiro – A guarda de honra: vigiar o Amor ferido

O novo ano litúrgico se abre, no *Boletim*, com um convite surpreendente: não apenas adorar Jesus presente no sacrário, mas “fazer-lhe guarda” – um turno de uma hora escolhido livremente em que cada cristão, sem interromper as atividades cotidianas, torna-se sentinela amorosa que consola o Coração transpassado pela indiferença do carnaval. A ideia, nascida em Paray-le-Monial e florescida em muitas dioceses, torna-se um programa educativo: transformar o tempo em espaço de reparação, ensinar aos jovens que a fidelidade nasce de pequenos atos constantes, fazer do dia uma liturgia difundida. O voto associado – destinar o produto do *Manual da Guarda de Honra* à construção da Basílica romana – revela a lógica salesiana: contemplação que se traduz imediatamente em tijolos, porque a verdadeira oração edifica (literalmente) a casa de Deus.

Março – Caridade criativa: o cunho salesiano

Na grande conferência de 8 de maio de 1884, o cardeal Parocchi sintetizou a missão salesiana em uma palavra: “caridade”. O *Boletim* retoma esse discurso para lembrar que a Igreja conquista o mundo mais com gestos de amor do que com disputas teóricas. Dom Bosco não funda escolas de elite, mas internatos populares; não tira os jovens do meio só para protegê-los, mas para devolvê-los à sociedade como cidadãos sólidos. É a caridade “segundo as exigências do século”:

resposta ao materialismo não com polêmicas, mas com obras que mostram a força do Evangelho. Daí a urgência de um grande santuário dedicado ao Coração de Jesus: fazer sobressair no coração de Roma um sinal visível desse amor que educa e transforma.

Abril – Eucaristia: “obra-prima do Coração de Jesus”

Para Dom Bosco, nada é mais urgente do que levar os cristãos de volta à comunhão frequente. O *Boletim* lembra que “não há catolicismo sem Nossa Senhora e sem a Eucaristia”. A mesa eucarística é “gênese da sociedade cristã”: dela nascem a fraternidade, a justiça, a pureza. Se a fé enfraquece, é preciso reacender o desejo do Pão vivo. Não por acaso São Francisco de Sales confiou às Visitandinas a missão de custodiar o Coração Eucarístico: a devoção ao Sagrado Coração não é um sentimento abstrato, mas um caminho concreto que conduz ao sacrário e daí se derrama pelas ruas. E é novamente o canteiro romano que serve de verificação: cada lira oferecida para a basílica torna-se um “tijolo espiritual” que consagra a Itália ao Coração que se doa.

Mai – O Coração de Jesus resplandece no Coração de Maria

O mês mariano leva o *Boletim* a entrelaçar as duas grandes devoções: entre os dois Corações existe uma comunhão profunda, simbolizada pela imagem bíblica do “espelho”. O Coração Imaculado de Maria reflete a luz do Coração Divino, tornando-a suportável aos olhos humanos: quem não ousa olhar para o Sol, olha para o seu brilho refletido na Mãe. Culto de latria para o Coração de Jesus, de “hiperdulia” para o de Maria: distinção que evita os equívocos dos polemistas jansenistas de ontem e de hoje. O *Boletim* refuta as acusações de idolatria e convida os fiéis a um amor equilibrado, onde contemplação e missão se alimentam mutuamente: Maria introduz ao Filho e o Filho conduz à Mãe. Em vista da consagração do novo templo, pede-se que se unam as duas invocações que se erguem nas colinas de Roma e Turim: Sagrado Coração de Jesus e Maria Auxiliadora.

Junho – Consolações sobrenaturais: o amor operante na história

Duzentos anos após a primeira consagração pública ao Sagrado Coração (Paray-le-Monial, 1686), o *Boletim* afirma que a devoção responde à doença do tempo: “arrefecimento da caridade por excesso de iniquidade”. O Coração de Jesus – Criador, Redentor, Glorificador – é apresentado como o centro de toda a história: da criação à Igreja, da Eucaristia à escatologia. Quem adora esse Coração entra num dinamismo que transforma a cultura e a política. Por isso, o Papa Leão XIII pediu a todos que concorressem ao santuário romano: monumento de reparação, mas também “barreira” contra a “torrente imunda” do erro moderno. É um apelo que soa atual: sem caridade ardente, a sociedade se desintegra.

Julho – Humildade: a fisionomia de Cristo e do cristão

A meditação de verão escolhe a virtude mais negligenciada: a humildade, “joia transplantada pela mão de Deus no jardim da Igreja”. Dom Bosco, filho espiritual de São Francisco de Sales, sabe que a humildade é a porta das outras virtudes e o selo de todo verdadeiro apostolado: quem serve os jovens sem buscar visibilidade torna presente “o ocultamento de Jesus durante trinta anos”. O *Boletim* desmascara a soberba disfarçada de falsa modéstia e convida a cultivar uma dupla humildade: do intelecto, que se abre ao mistério, e da vontade, que obedece à verdade reconhecida. A devoção ao Sagrado Coração não é sentimentalismo: é escola de pensamento humilde e de ação concreta, capaz de construir a paz social porque tira do coração o veneno do orgulho.

Agosto – Mansidão: a força que desarma

Depois da humildade, a mansidão: virtude que não é fraqueza, mas domínio de si mesmo, “o leão que gera mel”, diz o texto, remetendo ao enigma de Sansão. O Coração de Jesus se mostra manso ao acolher os pecadores, firme em defender o templo. Os leitores são convidados a imitar esse duplo movimento: doçura para com as pessoas, firmeza contra o erro. São Francisco de Sales volta a ser modelo: com um tom pacato,

derramou rios de caridade na turbulenta Genebra, convertendo mais corações do que teriam conquistado as contendidas acirradas. Em um século que “pecava por ser sem coração”, construir o santuário do Sagrado Coração significava erguer um ginásio de mansidão social – uma resposta evangélica ao desprezo e à violência verbal que já envenenavam o debate público.

Setembro – Pobreza e questão social: o Coração que reconcilia ricos e pobres

O estrondo do conflito social, adverte o *Boletim*, ameaça “reduzir a escombros o edifício civil”. Estamos em plena “questão operária”: os socialistas agitam as massas, os capitais se concentram. Dom Bosco não nega a legitimidade da riqueza honesta, mas lembra que a verdadeira revolução começa no coração: o Coração de Jesus proclamou bem-aventurados os pobres e viveu em primeira pessoa a pobreza. O remédio passa por uma solidariedade evangélica alimentada pela oração e pela generosidade. Enquanto o templo romano não estiver concluído – escreve o jornal –, faltará o sinal visível da reconciliação. Nas décadas seguintes, a doutrina social da Igreja desenvolverá essas intuições; mas a semente já está aqui: a caridade não é esmola, é justiça que nasce de um coração transformado.

Outubro – Infância: sacramento da esperança

“Ai daquele que escandalizar um destes pequeninos”: nos lábios de Jesus, o convite torna-se advertência. O *Boletim* recorda os horrores do mundo pagão contra as crianças e mostra como o cristianismo mudou a história, confiando aos pequenos um lugar central. Para Dom Bosco, a educação é um ato religioso: na escola e no oratório guarda-se o tesouro da Igreja futura. A bênção de Jesus às crianças, reproduzida nas primeiras páginas do jornal, é manifestação do Coração que “se aperta como um pai” e anuncia a vocação salesiana: fazer da juventude um “sacramento” que torna Deus presente na cidade. Escolas, colégios, laboratórios

não são opcionais: são a maneira concreta de honrar o Coração de Jesus vivo nos jovens.

Novembro – Triunfos da Igreja: a humildade que vence a morte

A liturgia recorda os santos e os defuntos; o *Boletim* medita sobre o “triunfo manso” de Jesus que entra em Jerusalém. A imagem torna-se chave de leitura da história da Igreja: sucessos e perseguições se alternam, mas a Igreja, como o Mestre, ressuscita sempre. Os leitores são convidados a não se deixarem paralisar pelo pessimismo: as sombras do momento (leis anticlericais, redução das ordens, propaganda maçônica) não apagam o dinamismo do Evangelho. O templo do Sagrado Coração, erguido entre hostilidades e pobreza, será o sinal tangível de que “a pedra selada foi removida”. Colaborar na sua construção significa apostar no futuro de Deus.

Dezembro – Bem-aventurança da dor: a Cruz acolhida pelo coração

O ano termina com a mais paradoxal das bem-aventuranças: “Bem-aventurados os que choram”. A dor, escândalo para a razão pagã, torna-se no Coração de Jesus caminho de redenção e fecundidade. O *Boletim* vê nesta lógica a chave para ler a crise contemporânea: sociedades fundadas no divertimento a todo custo produzem injustiça e desespero. Aceita em união com Cristo, porém, a dor transforma os corações, fortalece o caráter, estimula a solidariedade, liberta do medo. Até as pedras do santuário são “lágrimas transformadas em esperança”: pequenas ofertas, às vezes fruto de sacrifícios ocultos, que construirão um lugar de onde choverão, promete o jornal, “torrentes de castas delícias”.

Um legado profético

Na montagem mensal do *Boletim Salesiano* de 1886, impressiona a pedagogia do crescendo: parte-se da pequena hora de guarda e chega-se à consagração da dor; do fiel individual ao canteiro nacional; do tabernáculo com torres do oratório aos baluartes do Esquilino. É um itinerário que entrelaça três eixos fundamentais:

Contemplação – O Coração de Jesus é antes de tudo mistério a ser adorado: vigília, Eucaristia, reparação.

Formação – Cada virtude (humildade, mansidão, pobreza) é proposta como remédio social, capaz de curar as feridas coletivas.

Construção – A espiritualidade torna-se arquitetura: a basílica não é ornamento, mas laboratório de cidadania cristã.

Sem forçar, podemos reconhecer aqui o pré-anúncio de temas que a Igreja desenvolverá ao longo do século XX: o apostolado dos leigos, a doutrina social, a centralidade da Eucaristia na missão, a proteção dos menores, a pastoral da dor. Dom Bosco e seus colaboradores captam os sinais dos tempos e respondem com a linguagem do coração.

Em 14 de maio de 1887, quando Leão XIII consagrou a Basílica do Sagrado Coração, por meio de seu vigário Cardeal Lucido Maria Parocchi, dom Bosco – muito fraco para subir ao altar – assistiu escondido entre os fiéis. Naquele momento, todas as palavras do *Boletim* de 1886 tornaram-se pedra viva: a guarda de honra, a caridade educativa, a Eucaristia centro do mundo, a ternura de Maria, a pobreza reconciliadora, a bem-aventurança da dor. Hoje, essas páginas pedem um novo fôlego: cabe a nós, consagrados ou leigos, jovens ou idosos, continuar a vigília, erguer canteiros de esperança, aprender a geografia do coração. O programa continua o mesmo, simples e audacioso: **custodiar, reparar, amar.**

Na foto: Pintura do Sagrado Coração, colocada no altar-mor da Basílica do Sagrado Coração, em Roma. A obra foi encomendada por Dom Bosco e confiada ao pintor Francesco de Rohden (Roma, 15 de fevereiro de 1817 – 28 de dezembro de 1903).